



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**A PARTICIPAÇÃO DA CHINA NA EXPANSÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL**

TÁRSIS FELIPE CONCEIÇÃO GONÇALVES

São Cristóvão/SE

2020.1

TÁRSIS FELIPE CONCEIÇÃO GONÇALVES

**A PARTICIPAÇÃO DA CHINA NA EXPANSÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL**

Atividade solicitada pelo professor
Dr. Edson Tomaz de Aquino, como
requisito de avaliação da disciplina:
Trabalho de Conclusão de Curso II, do
Curso Bacharelado em Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Sergipe.

São Cristóvão/SE

2020.1

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: Mapa político da Região Nordeste.....	18
Gráfico 1: Fundos e empresas internacionais que compram terra a partir da China	12
Gráfico 2: 20 maiores países-sede das operações de compra (hectares).....	13
Gráfico 3: Evolução no saldo da balança comercial da Região Nordeste 1960-2004, US\$ milhões	21
Gráfico 4: Comparação dos valores exportados entre o Brasil e a região Nordeste de 1990 a 2001	41
Gráfico 5: Exportação, importação e saldo da corrente comercial do Nordeste com a China de 2008 a 2017 (em US\$ bilhões FOB)	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Correlação entre a taxa de crescimento real do PIB do estado do Maranhão e evolução das exportações líquidas 2011-2018	16
Tabela 2: Taxas de crescimento das exportações das macrorregiões do Brasil por quinquênios 1960-2004	20
Tabela 3: Taxas de crescimento das importações das macrorregiões do Brasil por quinquênios 1960-2004	20
Tabela 4: Balança comercial do Nordeste 2000-2008 (US\$)	21
Tabela 5: Desempenho do comércio exterior dos estados nordestinos 2017-2018 (US\$)	24
Tabela 6: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) de Alagoas – 2018 (US\$)	25
Tabela 7: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) da Bahia – 2018 (US\$)	27
Tabela 8: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Ceará – 2018 (US\$)	28
Tabela 9: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Maranhão – 2018 (US\$) ...	30
Tabela 10: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) da Paraíba – 2018 (US\$)	31
Tabela 11: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) de Pernambuco – 2018 (US\$)	33
Tabela 12: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Piauí – 2018 (US\$)	35
Tabela 13: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Rio Grande do Norte – 2018 (US\$)	37
Tabela 14: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) de Sergipe – 2018 (US\$)	38
Tabela 15: Corrente comercial do Nordeste com os principais parceiros 2008-2017 (em US\$ milhões)	42
Tabela 16: Evolução do saldo da balança comercial do Nordeste com a China e com o mundo 2002-2007 (US\$)	43
Tabela 17: Principais destinos das exportações baianas 2005-2016	46
Tabela 18: Principais segmentos das exportações baianas 2010-2016	46
Tabela 19: Principais setores exportadores do Nordeste para a China 2002-2007	48
Tabela 20: Exportações do Nordeste por estado 2011-2012	48
Tabela 21: Principais setores que o Nordeste importou da China 2002-2007	49

LISTA DE ABREVIATURAS

Apex – Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

EUA – Estados Unidos da América

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

OMC – Organização Mundial do Comércio

PIB – Produto Interno Bruto

UTI – Unidade de Tratamento Intensivo

ZEE – Zona Econômica Especial

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a expansão do comércio exterior do Nordeste do Brasil, assim como a relevância da China nesse processo, em especial para o aumento das exportações de bens primários produzidos pela Região, que se dá como efeito do crescimento da economia chinesa e sua necessidade por *commodities*. Dessa forma será analisado aspectos históricos do comércio regional, como o seu processo de abertura ao comércio exterior, principais produtos que compõe sua pauta exportadora e importadora, os impactos causados na balança comercial, consequente desse aumento de fluxo comercial com a China, além dos fatores que dificultam as transações comerciais da região. A análise será feita com base nas duas últimas décadas, período em que esse país asiático atingiu patamar de destaque como comprador da Região Nordeste.

Palavras Chaves: Comércio Exterior, China, Brasil, Região Nordeste, Commodities.

Abstract

The present work aims to analyze the expansion of foreign trade in the Northeast Brazil, as well as the relevance of China in this process, especially for the increase in exports of primary goods produced by the region, which occurs as an effect of the growth of the Chinese economy and your need for commodities. In this way, historical aspects of regional trade will be analyzed, such as its process of opening to foreign trade, the main products that make up its export and import basket, the impacts caused on the trade balance, resulting from this increase in trade flow with China, besides factors that hinder commercial transactions in the region. The analysis will be based on the last two decades, a period in which China reached a prominent level as a buyer in the Northeast Region.

Key words: Foreign Trade, China, Brazil, Northeast Region, Commodities.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 O crescimento da economia chinesa e sua influência no comércio mundial.....	10
3 A importância do comércio exterior para a Região Nordeste.....	15
4 Características do comércio exterior da Região Nordeste	18
4.1 Especificações do comércio exterior por estado	25
4.1.1 Alagoas.....	25
4.1.2 Bahia	26
4.1.3 Ceará	28
4.1.4 Maranhão.....	29
4.1.5 Paraíba.....	31
4.1.6 Pernambuco.....	32
4.1.7 Piauí.....	34
4.1.8 Rio Grande do Norte	36
4.1.9 Sergipe.....	38
5 Relação comercial Nordeste-China	40
6 Considerações finais.....	51
Referências Bibliográficas	56

1 INTRODUÇÃO

A Região Nordeste é formada por nove estados, sendo eles: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Com população de cerca de 56 milhões de pessoas. No ano de 2017 o PIB da região atingiu o volume de R\$ 953,21 bilhões, contribuindo com 14,48 % do PIB nacional nesse mesmo ano. A região manteve um crescimento real econômico acima da média brasileira de 2,69% ao ano, entre os anos de 2002 e 2017 (LEÃO, 2019).

Há uma concentração de grandes empresas que exportam *commodities* na região, o que pode ser tido como reflexo da história econômica do Nordeste, que ao longo dos anos, tem produzido e exportado bens dessa categoria, como o açúcar, a soja, o algodão, minérios de ferro, dentre outros. Contudo, apesar dessa característica regional, onde a produção em sua maioria é voltada para o setor de *commodities*, a região vem recebendo várias indústrias através da concessão de benefícios fiscais, realizados pelos governos estaduais, como foi o exemplo da Ford, instalada na Bahia e diversas empresas têxteis no Ceará, dentre outras pequenas empresas que vendem produtos com valor agregado para o exterior, o que contribui para uma maior variação produtiva na região (BONFANTI, 2018).

A China por sua vez, é o país mais populoso do mundo, com cerca de 1.398 bilhão de habitantes, o país se caracteriza como a segunda maior economia do mundo. Ao longo de mais de três décadas vem experimentando um alto crescimento econômico. Em dados mais recentes, o país atingiu a taxa de crescimento de 14,2% ao ano em 2007, passando para 10,3% ao ano em 2010. Em 2019 ainda apresentava um crescimento considerado alto de 6,1%, o país também apresentou o PIB de 14,343 trilhões de dólares nesse mesmo ano (BANCO MUNDIAL, 2020).

Atualmente a China é considerada como um importante *player* no cenário mundial, o crescimento do seu PIB, tem feito com que o país aumentasse sua demanda por produtos básicos como as *commodities*, o que a transformou no segundo maior comprador da Região Nordeste. Comprando principalmente dos estados do Maranhão e da Bahia, produtos como o minério de ferro, pasta de madeira e soja (MELO, 2013).

Esse aumento da demanda por *commodities* causou a elevação no preço destes bens no mercado mundial, o que favoreceu a Região Nordeste, por ser uma grande produtora *commodities* agrícolas e minerais. O pico ocorreu no ano de 2010 (MELO, 2013).

Ao passar dos anos a China tem aumentado a sua participação nas exportações do Nordeste brasileiro, competindo diretamente com os Estados Unidos, que ainda é o maior

comprador da região. Ao se estudar um pouco sobre o comércio regional, percebe-se a grande importância da China como um importante aliado nas últimas duas décadas e os impactos positivos que essa parceria tem causado para a região (MELO,2013).

Com o aumento do fluxo comercial com a China a região nordestina teve um aumento do volume de exportação, importação e também no saldo da balança comercial, porém ainda é notória a disparidade entre os bens exportados e os bens importados pela região em termos de valor agregado, onde exporta-se em sua maioria *commodities* e importa-se do país asiático bens industrializados como lâmina de ferro e produtos eletrônicos, como consequência do baixo investimento tecnológico da região.

O Nordeste se caracteriza como uma das regiões menos desenvolvidas do país, seu baixo desenvolvimento é consequência da baixa industrialização no local, o que faz com que as exportações em sua maioria sejam de *commodities* e produtos de baixo valor agregado, enquanto suas importações, são de bens manufaturados, com maior valor agregado. Por se caracterizar como uma das regiões que mais exporta produtos agrícolas no país, sua pauta exportadora é concentrada, com maior relevância para os setores de produção alimentícia, agrícola e pecuário. Em relação às empresas exportadoras da região, 22,8% correspondem a produção do setor agrícola e pecuário e 15,3% ao setor de produtos alimentícios (BONFANTI,2018).

Já no início da década de 1990, enquanto o Brasil aumentava sua exportação de produtos manufaturados, através da produção de automóveis e aeronaves, no Nordeste, a parcela de exportação de produtos industrializados era bem reduzida, enquanto as importações desses bens eram bastante acentuadas, causando assim uma grande disparidade nas trocas comerciais da região em comparação com o restante do país (FONTENELE; MELO, 2009).

Dessa forma, para alavancar ainda mais as exportações da Região Nordeste é preciso incentivar e fortalecer sua cultura exportadora, além de superar desafios que dificultam a atividade, como a dificuldade de acesso as linhas de financiamento às exportações, os altos custos dos serviços de transportes e a baixa infra-estrutura portuária, além das burocracias aduaneira e alfandegária, que desestimulam o produtor. (BONFANTI, 2018).

Dessa forma o presente trabalho vai analisar a expansão do comércio regional e como as trocas comerciais com a China tem contribuído para esse processo, como as alterações na balança comercial do Nordeste nas duas últimas décadas.

O trabalho foi realizado através da revisão bibliográfica de livros e artigos científicos, relacionados ao comércio exterior da Região Nordeste e sua relação de trocas com a China,

além disso a consulta ao site Comexstat serviu para a obtenção dados relacionados ao comércio exterior de cada estado que compõe a região. O período analisado foi das duas últimas décadas, iniciando nos anos 2000, período em que as relações do Nordeste com a China se intensificaram, até o atual ano de 2020.

Utilizou-se nesse trabalho o desenho de Estudo de caso, que segundo YIN (2015), é o mais adequado para compreender fenômenos sociais complexos, contemporâneos e que estão inseridos em um contexto real. Além de ser o modelo que propõe responder perguntas do tipo “como”, que trata de responder como se dá a expansão do comércio exterior da Região Nordeste do Brasil, levando em consideração a relevância que a corrente comercial com a China tem nesse processo. Por abordar dados estatísticos e qualitativos o trabalho segue uma linha quali-quantitativa.

Essa metodologia serviu para a expor os dados e compreender com aprofundamento as relações de causa e efeito, entre a variável independente (a crescente demanda da China por *commodities* no mercado mundial) e a variável dependente (a expansão do comércio exterior da Região Nordeste) (EV, GOMES, 2014).

Utilizou-se como fundamento a teoria neoclássica do comércio internacional para explicar essa dinâmica, onde através do Teorema de Heckscher-Ohlin podemos notar que a Região Nordeste exporta de forma mais intensiva as *commodities* agrícolas e minerais os quais os insumos necessários à sua produção são abundantes na região, à medida que importará da China bens manufaturados, com maior valor tecnológico agregado, uma vez que os insumos para tal produção são escassos na Região Nordeste e abundantes na China, formando assim uma dinâmica de trocas assimétricas, apesar do crescimento do comércio exterior da região.

O trabalho está dividido em cinco capítulos: o primeiro capítulo introduz o tema a ser abordado, com aspectos gerais sobre o comércio da região e sua corrente comercial com a China; o segundo capítulo discorre sobre o crescimento da economia chinesa e sua influência no comércio mundial; no terceiro capítulo é abordado a importância do comércio exterior para a Região Nordeste, bem como as teorias que servem de fundamento para entender a dinâmica das relações comerciais entre o Nordeste e China; o quarto capítulo apresenta aspectos históricos da Região Nordeste, bem como as especificações da pauta exportadora e importadora de cada estado; no quinto capítulo descreve-se sobre as transações comerciais entre o Nordeste e a China e os efeitos dessa relação para o balanço comercial da região; logo após é feita uma conclusão a respeito das informações abordadas nos capítulos anteriores, além de observações sobre os atuais desafios a serem superados pela região.

2 O CRESCIMENTO DA ECONOMIA CHINESA E SUA INFLUÊNCIA NO COMÉRCIO MUNDIAL

O conhecido crescimento econômico chinês, teve início com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder em 1978, seu foco estava no desenvolvimento econômico e no processo de inserção internacional. A partir disso a nação passou por uma transformação econômica, social e política. Esse crescimento se deu a partir da utilização extensiva de fatores até então subutilizados, sendo associados a incorporação de tecnologia em parte da produção agrícola, somado ao alto índice de poupança interna e a disponibilidade de mão de obra barata. Além desses fatores, houve também um alto volume de investimentos públicos e privados na economia. Os resultados puderam ser observados mais claramente a partir de 1980 (FERNANDES; LEITE, 2017).

De acordo com Suleiman (2008), essas reformas, ainda na década de 1980 foram focadas inicialmente no setor agrícola, no modo de utilização da terra, sendo posteriormente implantadas no setor industrial, na promoção e expansão das exportações, proteção do mercado interno e estímulo ao investimento estrangeiro. Foram criadas ao longo da costa do país 14 cidades, as quais eram abertas ao comércio exterior e aos investimentos estrangeiros.

Como causas do crescimento o autor Nonnenberg (2010) cita um conjunto de fatores: o processo de liberalização do sistema de formação de preços; a liberalização do comércio exterior; a criação de Zonas Econômicas Especiais ; o grande contingente de mão de obra ociosa nos campos; o gigantesco tamanho da população ; o crescimento dos investimentos diretos externos somado à entrada de várias empresas multinacionais além das políticas de incentivo à inovação e à transferência de ciência e tecnologia.

Nota-se que houve uma vigorosa expansão dos Investimentos Diretos Estrangeiro a partir de 1991, correspondendo a 5 % do PIB em 1995. O país fornecia uma série de benefícios para as empresas que se vinculassem às Zonas Econômicas Especiais (ZEE), como forma de atrair o investimento e divisas para o local (MEDEIROS, 2012).

“As ZEE’s eram espaços delimitados que dependiam basicamente da entrada de capital estrangeiro através de indústrias, serviços e comércio e tinham como objetivo desenvolver uma economia voltada para a exportação em diversos setores” (SULEIMAN, 2008, p.11).

De acordo com Medeiros (2012), a taxa de crescimento da China foi muito superior de que as outras economias do Leste Asiático, atingindo a taxa de 9,5% entre os anos 1980 e 1990. Nesse período a população urbana já totalizava 26,4%. Ao longo dos anos 1980 o investimento

bruto na economia estava acima dos 35% do PIB, o que contribuiu para o crescimento das exportações chinesas e consequentemente permitiu também um elevado crescimento das importações.

De acordo com Nonnenberg (2010), o crescimento real médio do PIB foi de 10% ao ano, mantendo uma inflação média de 6% ao ano (que significa estabilidade de preços). Esse crescimento trouxe redução da pobreza, resultado do crescimento do PIB per capita de quase dez vezes entre 1978 e 2004. O IDH também aumentou, junto com o grau de urbanização do país. Em 2001 a China já era considerada a segunda maior economia global e em 2006 seu PIB já representava 46% do PIB norte americano.

O rápido crescimento econômico, tirou um grande número de chineses do estado de pobreza. O investimento bruto esteve acima de 35% do PIB ao longo dos anos 80, com forte aceleração a partir de 1985, atingindo taxas de 40% da renda. Empresas estatais foram responsáveis por 65% dos investimentos realizados. Somado a esse investimento houve também a política de desvalorização cambial, que contribuiu para um rápido crescimento das exportações, tornando também os produtos mais competitivos no mercado internacional (SULEIMAN, 2008).

“Entre 1980 e 2010, segundo os dados do Banco Mundial, a média do crescimento anual da economia mundial foi de 2,82%. Nesse período, o Brasil cresceu em média 2,81% e a China 10,02% ao ano” (NAKATANI; et al., 2014, p.2).

De acordo com Nakatani et al. (2014), o país tem um elevado ritmo de crescimento, que combinado com sua crescente taxa de urbanização tem como consequência uma demanda crescente por matérias primas, como o ferro, minério o qual o país não possui reservas suficientes em seu território, sendo necessário buscá-lo em outros países. Dentre os principais produtos estão o cobre, zinco e níquel. O país se caracterizou como o maior consumidor de cimento e minério de ferro do mundo.

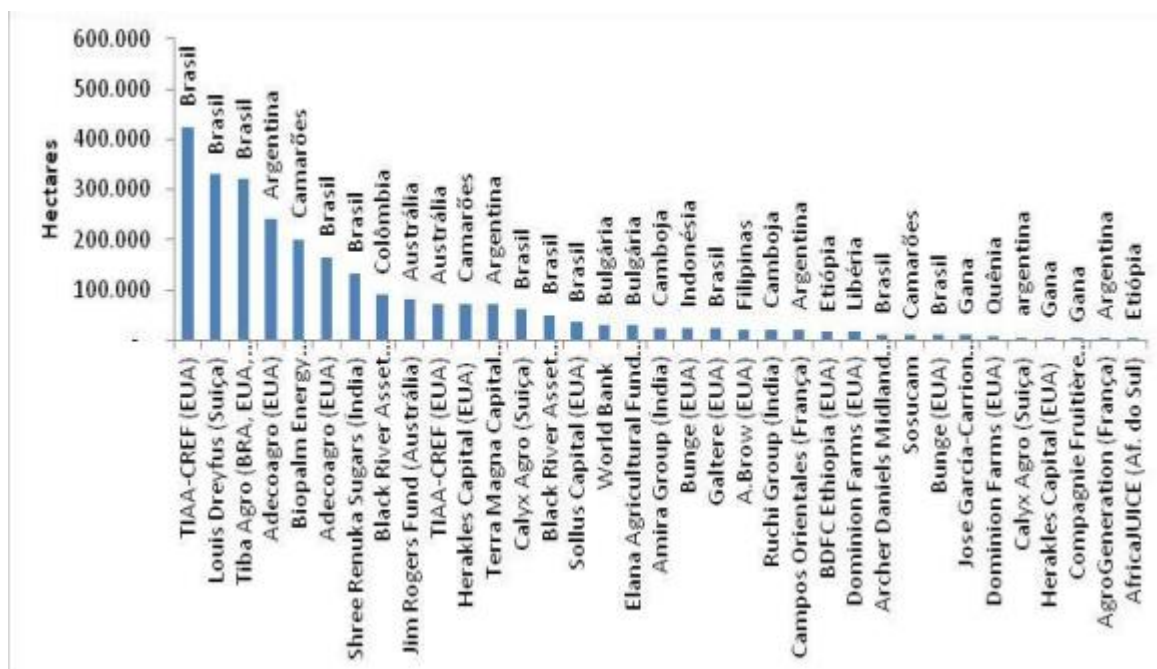
Apesar do país ser o maior produtor mundial do minério de ferro, a sua demanda pelo produto continua crescendo em um ritmo superior ao ofertado, o que faz com que o país necessite cada vez mais importar o produto de outras regiões (NONNENBERG, 2010).

Como uma das formas de garantir esse suprimento, a China faz a aquisição de terras em outros países que possuem abundância dessas matérias primas, inclusive no Brasil. O país ocupa a terceira posição, como maior comprador de terras em escala mundial, sendo superado apenas pelo Reino Unido e pelos Emirados Árabes. Essas aquisições de terras servem também para a produção de alimentos. As compras de terras são feitas através de diversas companhias,

agrícolas e não agrícolas, de terras cultiváveis e não cultiváveis. Algumas delas servem para a produção de soja (como é o caso da Austrália e das Filipinas) e também para a produção da cana-de-açúcar e da mandioca (no caso do Madagascar) (NAKATANI; et al., 2014).

O gráfico a seguir mostra os principais fundos e empresas internacionais estabelecidos na China, que realizam compra de terra em diversas localidades do mundo. O Brasil está na liderança entre os locais em que são feitas essas compras de terra.

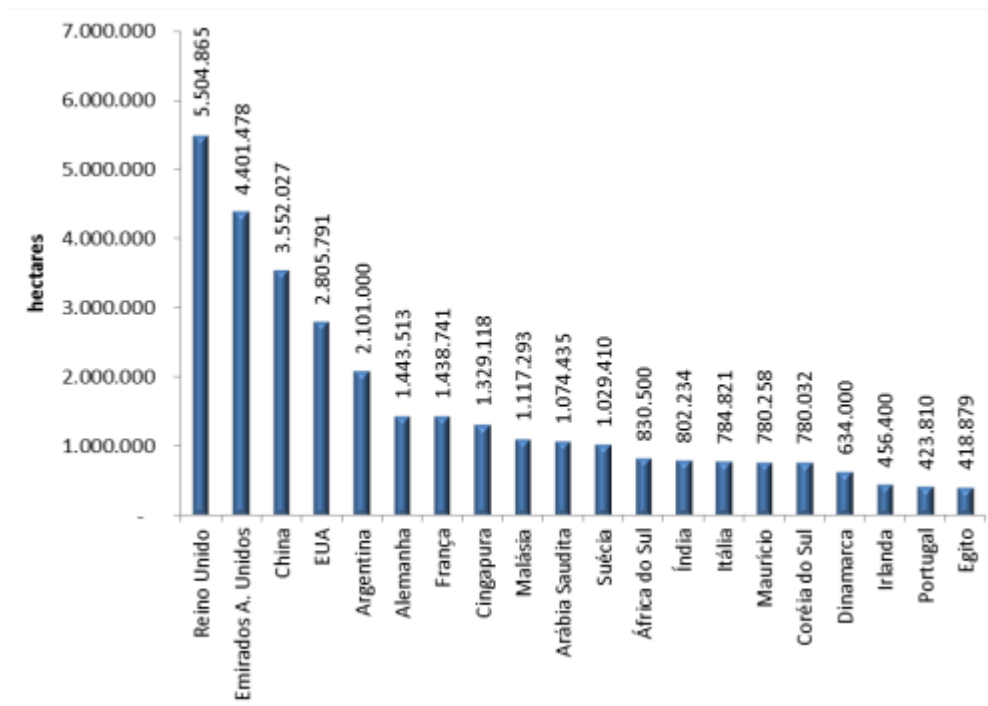
Gráfico 1: Fundos e empresas internacionais que compram terra a partir da China



Fonte: GRAIN, 2012. *apud* NAKATANI; et al., 2014.

O gráfico a seguir mostra a lista dos principais países que realizam compra de terra no mundo. A China se encontra na terceira posição entre os maiores compradores de terra, atrás apenas do Reino Unido (que se encontra na primeira posição) e dos Emirados Árabes Unidos (que se encontra na segunda posição).

Gráfico 2: 20 maiores países-sede das operações de compra (hectares)



Fonte: GRAIN, 2012. *apud* NAKATANI; et al., 2014.

Esse crescimento econômico pode ser observado também na corrente de comércio exterior do país. Entre 1975 e 2008 as exportações chinesas saltaram de U\$\$ 7,7 bilhões para U\$\$ 1.428 bilhões. Já as importações saltaram de U\$\$ 7,9 bilhões para U\$\$ 1,133 bilhões nesse mesmo período (NONNENBERG, 2010).

De acordo com Melo e Moreira (2009), entre os anos de 2000 a 2005 a China aumentou em 25% suas vendas, no ano de 2006 elas correspondiam a 8% das vendas mundiais. Com isso a China deixou de ocupar a 7ª posição (no ano de 2000) e passou a ocupar a 3ª posição (no ano de 2006) no ranking dos principais exportadores do mundo, ficando atrás apenas da Alemanha e dos Estados Unidos. Já as suas compras nesse mesmo período aumentaram em torno de 24%, correspondendo em 2006 a 6,4% das compras mundiais.

Segundo a OMC, as taxas de crescimento da China foram de 9,6% em 2008 e 10,3% em 2010. O que fez com que aumentasse o crescimento suas compras externas de 3,8% em 2008 para 22,1% em 2010. Segundo a OMC, de 2005 a 2010, a taxa de elevação ao ano no preço das *commodities* foi de 9%. Em partes isso foi consequência do aumento da demanda da China por tais produtos, para “alimentar” seu crescimento (MELO, 2013).

Entre 2003 e 2005, as vendas regionais do Nordeste ao exterior foram incrementadas em cerca de 30% ao ano, valor muito acima em comparação os anos precedentes. Já as importações ganharam relevância a partir de 2004, com crescimento médio de 29% ao ano. Foi

nesse mesmo período que as trocas comerciais com a China tomaram impulso (MELO; MOREIRA; VELOSO, 2010).

O crescimento mundial somado ao aumento no preço das *commodities* refletiu no aumento das exportações dos países em desenvolvimento, aumentando assim o fluxo de trocas entre China e a Região Nordeste (FONTENELE; MELO, 2009).

No entanto, de acordo com a BBC (2020), em 2019 a economia chinesa apresentou o pior índice de crescimento em 29 anos, com a taxa de 6,1% em relação ao ano anterior. Apesar desse baixo crescimento da economia chinesa em comparação com os anos anteriores, esse crescimento ainda é maior que o de várias outras grandes economias, como por exemplo a dos Estados Unidos, que tem previsão de 2,2% para esse ano de 2020.

Em 2019 a economia chinesa cresceu no ritmo mais devagar de quase três décadas, com crescimento de 6,1% em relação ao ano anterior. Foi o pior índice em 29 anos. A China já sofre com a diminuição da demanda interna e com os impactos da guerra comercial com os Estados Unidos e como consequência, essa desaceleração da economia chinesa, tende a impactar a economia mundial negativamente, com uma possível queda nos preços das *commodities* (BBC, 2020).

3 A IMPORTÂNCIA DO COMÉRCIO EXTERIOR PARA A REGIÃO NORDESTE

De acordo com Galvão (2007), o crescimento do comércio exterior tem se caracterizado com um dos principais motivos da evolução econômica, política e social de muitos países. Esse mesmo pensamento pode ser aplicado para uma região específica, como no caso da Região Nordeste. Alguns autores defendem que a liberalização e a ampliação do comércio exterior geram o aumento de benefícios à sociedade e permitem uma melhor alocação dos recursos domésticos, por conta do aumento da oferta e da diversidade de produtos aos consumidores de uma determinada sociedade. Além disso essa abertura tende a estimular a eficiência do sistema produtivo, em razão da exposição das indústrias locais à concorrência internacional.

Os autores Ferreira e Medeiros (2016), concordam ao falar que o crescimento de uma região está relacionado ao desempenho de suas exportações, melhorando o nível de renda absoluta e per capita das regiões (FERREIRA; MEDEIROS, 2016).

A teoria da base de exportação desenvolvida a priori por North (1955) destaca as exportações como fator primordial para o crescimento de uma determinada região, tendo em vista o efeito multiplicador exercido pelas exportações sobre as atividades locais, ou seja, orientadas à demanda interna (FERREIRA; MEDEIROS, p.237, 2016).

O autor Siqueira (2006), defende que a exportação é um fator importante para o desenvolvimento econômico regional, através de alguns exemplos ele cita: a Região Norte que se baseou na exportação da borracha, o Nordeste com a cana-de-açúcar e o Sudeste com o café. O mesmo pode ser notado em economias estrangeiras, como por exemplo os EUA que desenvolveu o velho-oeste através da exportação de grãos no sec. XIX e alguns países asiáticos como Japão, Taiwan, Coreia do Sul e China) que alcançou um alto grau de desenvolvimento com a exportação de eletrônicos.

No Brasil a exemplificação da teoria da base de exportação, pode ser realizada citando o caso da produção cafeeira no estado de São Paulo, a referida atividade conseguiu criar atividades locais vinculadas a sua própria produção, como também, criou vantagens comparativas a São Paulo, instituindo um ambiente propício ao desenvolvimento de outras atividades, dentre estas a indústria (FERREIRA; MEDEIROS, p. 238, 2016).

A exemplo disso, ao se analisar a dinâmica econômica do Maranhão entre os anos de 2001 a 2018, pode-se observar que existe uma relação forte e direta entre o comércio exterior e o crescimento do PIB do estado. Entre os anos de 2011 e 2016 o estado enfrentou uma trajetória de queda das exportações, como efeito da sobrevalorização cambial nos anos de 2001 a 2013,

somado a recessão que o país sofreu entre 2015 e 2016. O PIB do estado voltou a apresentar crescimento nos anos de 2017 e 2018. Sendo associado com o aumento das exportações nesse mesmo período. Quanto mais o estado exporta, mais o seu PIB aumenta. (JESUS; CALDAS; COIMBRA, 2019)

Tabela 1: Correlação entre a taxa de crescimento real do PIB do estado do Maranhão e evolução das exportações líquidas 2011-2018

Ano	Tx. Cres. Real PIB (em %)	Evolução das Exportações Líquidas (em %)
2011	6,5	38,5
2012	4,3	8,1
2013	5,6	-9
2014	3,9	7,5
2015	-4,1	-32,4
2016	-5,6	-35,4
2017	2,4	29,7
2018	2,9	23,1
Correlação		0,78803528

Fonte: IMESC *apud*. JESUS; CALDAS; COIMBRA, 2019.

De acordo com Santos, Cavalcante e Filho (2013), a expansão do mercado exterior é de grande importância, seja em número de parceiros comerciais, seja em relação aos produtos ofertados, uma vez que essa expansão se caracteriza como uma menor dependência de setores ou compradores específicos para a exportação. Dessa forma a expansão do comércio exterior da Região Nordeste se caracteriza como uma maior autonomia nas relações comerciais, com redução de vulnerabilidade aos choques de mercado.

A Teoria Neoclássica do Comércio Internacional foi desenvolvida pelos economistas suecos Eli F. Heckscher e Bertil G. Ohlin, onde o comércio internacional é explicado pelas diferenças de dotação de fatores de produção entre os países. Leva-se em consideração a terra, a força de trabalho e o capital como fatores de produção, bem como a tecnologia adotada na produção pelos diferentes países. O teorema de Heckscher-Ohlin fala que cada nação exportará de forma intensiva os bens o qual os insumos necessários para a sua produção aparecem de forma abundante em sua região e importará os bens que exigem na sua produção a utilização de insumos que são escassos na região (MOREIRA, 2012). Dessa forma um país que é rico em terras férteis, como o Brasil e em especial nesse caso a Região Nordeste, se especializará na produção de alimentos, e outras commodities como no caso do minério de ferro e alumínio os quais a região tem grandes reservas, levando em consideração também que a Região Nordeste

possui escassez em capital tecnológico e mão de obra altamente qualificada, trona-se inviável produzir bens com valor tecnológico agregado, sendo mais vantajoso importar da China.

Seguindo a teoria, a China se especializará na produção bens manufaturados, com maior valor tecnológico agregado, uma vez que o país possui grande quantidade de mão de obra qualificada, somado ao capital tecnológico permite que tais produtos sejam produzidos em escala, sendo ofertados a um custo reduzido.

Essa teoria aponta que os produtos de uma região que detém vantagem comparativa no exterior, são resultados da abundância dos fatores de produção existentes nessa região. Dessa forma ao fazer a comparação entre a região Nordeste especificamente e a China, percebe-se que o Nordeste detém abundância em *commodities* tanto do setor alimentício (como a soja e o açúcar), como no setor de minérios (ferro, alumínio e cobre), dentre outros setores de produtos primários. Já a China apresenta abundância em fatores tecnológicos, dessa forma o país detém vantagens em produtos industrializados, ofertando produtos com maior valor agregado como máquinas, lâminas de ferro, componentes eletrônicos dentre outros (FEISTEL; HIDALGO, 2011).

O autor Duarte (2016) concorda ao falar que uma nação passará a exportar produtos os quais sua produção utilizará recursos que são abundantes em seu território, sendo assim, esses serão produzidos a baixo custo. Dessa forma a nação passará a importar bens os quais para a sua produção, faz-se necessário a utilização de insumos que são escassos em seu território. Isso explica o porquê a Região Nordeste tem a tendencia a exportar *commodities*, tanto no setor alimentício quanto no setor mineral, e tende a importar produtos com valor tecnológico agregado, uma vez que a região tem escassez de capital tecnológico e mão de obra qualificada.

O comércio exterior pode ser visto como um instrumento dinamizador regional, pois ele vai além do simples ato de compra e venda, entre diferentes regiões. As trocas comerciais mobilizam diversos setores de uma economia, tornando-se fundamental para potencializar o processo de desenvolvimento regional. A expansão das exportações tende a gerar um incremento nos níveis de renda e de emprego de uma determinada região (BRAGA; MELO; HOLANDA, 2015).

4 CARACTERÍSTICAS DO COMÉRCIO EXTERIOR DA REGIÃO NORDESTE

A Região Nordeste é formada por nove estados, sendo eles: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Com população de cerca de 56 milhões de pessoas. No ano de 2017 o PIB da região atingiu o volume de R\$ 953,21 bilhões, contribuindo com 14,48% do PIB nacional nesse mesmo ano. A região manteve um crescimento real econômico acima da média brasileira de 2,69% ao ano, entre os anos de 2002 e 2017 (LEÃO, 2019).

Figura 1: Mapa político da Região Nordeste



Fonte: MENDE, 2011.

Ao comparar o crescimento do comércio exterior da Região Nordeste com as demais regiões do país, os autores Fontenele e Melo (2009), ressaltam a dificuldade e lentidão dessa região em estabelecer seu processo de inserção internacional. Ainda com a chegada dos anos 2000 o Nordeste contava com pouca abertura ao comércio exterior e a sua principal fonte de exportação estava concentrada em recursos naturais com baixo valor tecnológico agregado. A região sempre tendeu a importar das demais regiões os produtos dos quais não detinha a capacidade de produção, atrasando de forma significativa o seu progresso no setor industrial.

Ao se comparar o Nordeste com as demais macrorregiões geográficas em qualquer dos períodos explorados pelo autor, nota-se que esta foi sem dúvida a região de pior desempenho, vista pelo lado do crescimento das exportações, mas as décadas de 1980 e 1990 foram aquelas que registraram as piores performances. Daí, apenas a partir do ano de 2002, a Região, assim como o país, parece reverter e expor performances favoráveis (FONTENELE; MELO, 2010, p.324).

A Região Nordeste historicamente tem apresentado déficit na sua relação Inter regional (em suas trocas com as demais regiões do país) e superávit nas relações internacionais. Os déficits com comércio exterior tornaram-se recorrentes em meados da década de 1990, no entanto o saldo da balança voltou a se reverter a partir de 2003. No período da década de 1990 foi necessária a transferência de dinheiro do governo central para a região, para cobrir esses déficits intrarregionais, uma vez que os superávits internacionais que cobriam essa diferença, não estavam mais ocorrendo. O país enfrentava um contexto de estagnação da economia nacional e políticas estritas de estabilização para contenção inflacionária e isso se refletiu também para a Região. (GALVÃO, 2007).

De acordo com Galvão (2007), se a economia de uma região tem déficit nas suas relações comerciais com o resto do país, este déficit pode ser financiado por um superávit com o exterior, ou na falta desse superávit com o exterior (como ocorreu com a região entre 1996 e 2003), ele vai ser financiado por operações interbancárias entre regiões e mais comumente através de transferência do governo central.

A tabela a seguir mostra que dentre todas as regiões, a Região Nordeste, foi a que registrou pior desempenho em relação ao crescimento das exportações entre 1960 e 2004, sendo também a região que mais apresentou oscilações, que segundo o autor é reflexo da concentração da pauta em poucas commodities ou bens semimanufaturados, que estão sujeitos a sofrer de forma mais intensa os efeitos da conjuntura internacional:

Tabela 2: Taxas de crescimento das exportações das macrorregiões do Brasil por quinquênios 1960-2004

Períodos	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
1960/1964	-0,29	-3,69	1,40	11,74	-12,03	2,55
1965/1969	8,61	-3,28	7,41	9,76	1,99	7,78
1970/1974	26,34	14,06	23,63	22,73	54,04	23,76
1975/1979	5,53	12,09	15,45	9,11	2,16	11,95
1980/1984	2,85	0,30	8,02	3,80	-11,50	6,05
1985/1989	3,46	15,27	4,23	5,54	8,72	4,77
1990/1994	2,94	2,99	5,87	10,08	14,71	6,61
1995-1999	3,69	3,75	7,39	12,75	18,71	8,34
2000/2004	18,87	12,24	13,75	16,98	29,70	16,05

Fonte: GALVÃO, 2007.

De acordo com Galvão (2007), entre os anos 60 e início dos anos 2000, o comércio exterior da região demonstrou um desempenho desfavorável onde as exportações e importações cresceram menos que todas as outras macrorregiões do país. O Nordeste também apresentou no seu histórico pouca participação nas importações, em relação ao restante do país, se mostrando como uma região mais fechada ao comércio internacional, conforme mostra a tabela a seguir:

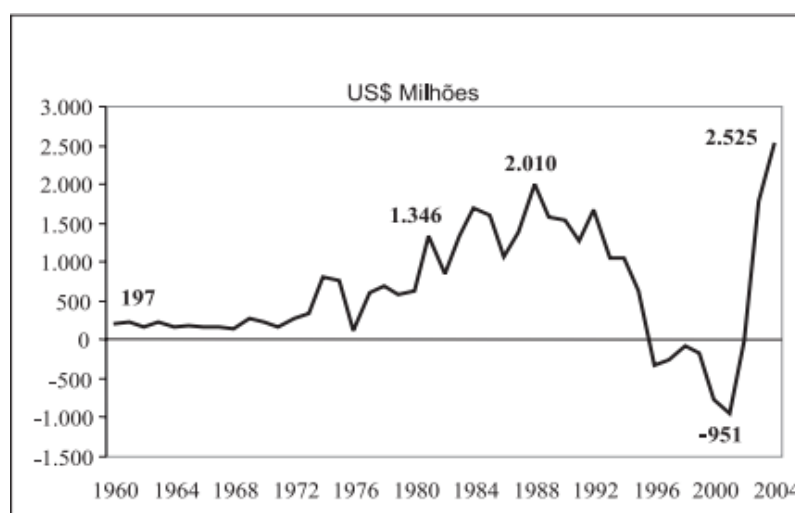
Tabela 3: Taxas de crescimento das importações das macrorregiões do Brasil por quinquênios 1960-2004

Período	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
1960/1964	7,36	-3,03	-3,62	-1,35	-5,35	-2,75
1965/1969	9,83	18,61	9,28	18,15	-11,12	10,14
1970/1974	23,42	22,36	34,93	32,11	63,23	33,69
1975/1979	14,12	14,04	5,37	20,99	27,92	7,85
1980/1984	-11,53	-11,86	-7,96	-15,58	-29,04	-9,43
1985/1989	9,11	17,48	-4,17	17,21	18,71	1,00
1990/1994	13,27	17,44	10,34	21,44	19,44	12,48
1995/1999	-0,56	-7,53	-1,32	4,42	24,75	-0,55
2000/2004	9,87	13,01	7,73	10,51	18,30	8,50

Fonte: GALVÃO, 2007.

A partir do ano de 1989 a região começou a demonstrar uma aceleração no crescimento das importações, tornando o saldo da balança comercial deficitário a partir de 1996. Essa dinâmica será revertida a partir de 2003. Entre 2003 e 2004 esse crescimento nas exportações foi de mais de 30 % em cada um desses anos (GALVÃO, 2007). Nesse mesmo período as relações de trocas com a China se intensificaram.

Gráfico 3: Evolução no saldo da balança comercial da Região Nordeste 1960-2004, US\$ milhões



Fonte: GALVÃO, 2007.

Entre 2003 e 2005 o crescimento das importações e das exportações foram em torno de 30% ao ano. Conforme mostra a tabela a seguir, em 2008 o Nordeste chegou a exportar US\$ 15 bilhões (MOURA; BARBOSA, 2014).

Tabela 4: Balança comercial do Nordeste 2000-2008 (US\$)

ANOS	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		SALDO	
	Valor (A)	Var (%)	Valor (B)	Var (%)	(A) - (B)	
2000	4.024.694	19,95	4.776.651	35,41	-751.957	
2001	4.184.171	3,96	5.116.531	17,12	-932.360	
2002	4.651.697	11,17	4.657.44	-8,97	-5.745	
2003	6.107.494	31,30	4.308.221	-7,50	1.799.273	
2004	8.036.413	31,58	5.503.692	27,15	2.532.720	
2005	10.554.317	31,33	6.267.604	13,71	4.286.713	
2006	11.620.770	10,10	8.899.240	41,07	2.721.530	
2007	13.086.247	12,53	11.794.982	33,21	1.291.262	
2008	15.451.507	18,07	15.723.976	33,52	-272.471	

Fonte: MELO; FONTENELE, 2009 *apud*. MOURA; BARBOSA, 2014.

De acordo com Melo (2007), o saldo da balança comercial do Nordeste era negativo desde 1996 e passou a se tornar positivo apenas a partir de 2003. No entanto as exportações dos estados do Nordeste ainda são fundamentalmente compostas de bens de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Segundo a autora entre os anos 2000 e 2004 as exportações de produtos básicos cresceram em detrimento dos produtos industrializados.

É considerável o baixo desenvolvimento na Região Nordeste em relação aos dados nacionais. Ao analisar os tipos de empresas que mantém atividade de exportação em cada região, a maior parte das empresas nacionais está ligada ao setor de máquinas e equipamentos

(16,8%), seguindo de 9,5% no setor alimentício, 6,8% no setor agrícola e pecuário, 5,9% no setor metalúrgico e 4,4% no setor de produtos químicos. Enquanto em relação à Região Nordeste, 22,8% correspondem a produção do setor agrícola e pecuário e 15,3% ao setor de produtos alimentícios (BONFANTI, 2018).

A região possui pouca variação em sua pauta exportadora e tem se mantido razoavelmente estável ao longo dos anos, tendo como produtos de maior peso *commodities*, como a pasta de madeira, minério de ferro e a soja. As exportações regionais são compostas essencialmente por bens com baixa e média-baixa intensidade tecnológica, estes correspondem a uma média de 80% do valor exportado pela região. Ao contrário das compras realizadas pelo Nordeste para com a China, que ficou cada vez mais diversificada, incluindo maquinários, itens eletrônicos e tecnológicos (FONTENELE; MELO, 2009).

[...] para o ano de 2001, os três principais produtos exportados por Alagoas representaram quase 95% do total, os do Maranhão cerca de 73%, os do Piauí 62% e os de Sergipe 60%. Os demais Estados, com concentração menor de sua pauta, registravam, mesmo assim, elevada dependência de uns poucos produtos de exportação: a Paraíba apresentando uma cifra de 50% para os seus três principais produtos exportados, o Rio Grande do Norte e Pernambuco 45%, o Ceará 37% (os três principais produtos desse Estado registrando, porém, contribuição de 46% no ano anterior: o de 2000) e somente a Bahia apresentando uma pauta menos concentrada, da ordem de 32% para os seus três principais produtos (GALVÃO p.16, 2007).

A participação do segmento de alta intensidade tecnológica na pauta exportadora da região é insignificante. Já o segmento de média-alta intensidade tecnológica é formado por: veículos automóveis, tratores e seus acessórios e também por produtos químicos orgânicos, ambos são produzidos no estado da Bahia e corresponderam a 20% da pauta exportadora regional no ano de 2005. O segmento de média-baixa intensidade tecnológica é composto por combustíveis, óleos, ceras minerais, cobre e plástico, onde a produção se dá no estado da Bahia e também por alumínio ferro e aço, sendo esses produzidos em sua maioria no estado do Maranhão. O segmento de baixa intensidade tecnológica por sua vez é o que predomina nas exportações da região, composto pela pasta de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, produtos alimentícios e calçados (MELO, 2007).

Apesar da Região Nordeste abrigar 11,5% de todo o semiárido brasileiro, as suas limitações são contestáveis, uma vez que as atividades de fruticultura, caprinocultura e ecoturismo tem tido bons resultados na região. Um fato que comprova isso é que a partir do início dos anos 2000 a região tem apresentado superávit nas trocas internacionais, no entanto questões relacionadas à logística e a infraestrutura tendem a ser fatores que dificultam um fluxo produtivo (MOURA; BARBOSA, 2014).

De acordo com Ximenes (2019), as transações internacionais referentes ao agronegócio na região Nordeste, superou a marca dos U\$\$ 11 bilhões em 2018. Esse setor apresentou superávit de U\$\$ 6 bilhões. A região apresentou a melhor taxa de crescimento nesse segmento, em relação ao restante do país, com 25,40% em relação ao ano de 2017. A pauta de exportação nordestina do agronegócio no ano de 2018 foi composta por 25 segmentos e 889 tipos de produtos.

Em 2018 as exportações de frutas e castanha de caju totalizaram U\$\$ 615 milhões. Manga, melão e uva são exemplos de frutas comercializadas pela região. A produção dessas frutas fica localizada no Vale do São Francisco (o polo de irrigação mais desenvolvido da região), em torno das cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Foram exportados também quase 8 milhões de toneladas de soja em grãos e 4,25 milhões de toneladas de celulose, apesar disso a região é também importadora de papel, sendo importadas 72,85 mil toneladas (U\$\$ 65 milhões) (XIMENES, 2019).

Os produtos de origem animal em 2018 contribuíram com apenas cerca de 5% das exportações relacionadas ao agronegócio. O destaque desse setor é o de couro bovino, que atingiu superávit de U\$\$ 160 milhões. As carnes exportadas totalizaram cerca de 18 mil toneladas, enquanto as importadas totalizaram pouco mais de 4 mil toneladas. Os pescados foram os produtos principais que formaram a pauta de importação do agronegócio, com 25,53 mil toneladas. Ainda assim a região alcançou superávit de U\$\$ 32 milhões nesse setor (XIMENES, 2019).

O mel nordestino possui elevada competitividade no mercado internacional, uma vez que é conhecido por possuir baixa contaminação de pesticidas e antibióticos, por conta da baixa umidade da região que dificulta o aparecimento de doenças nas abelhas. A exportação do mel foi de 6,4 mil toneladas (U\$\$ 21,7 milhões) em 2018, tendo como o principal destino os Estados Unidos (XIMENES, 2019).

De acordo com Galvão (2007), de um modo geral a Região tem apresentado superávits nas suas relações comerciais com o exterior, porém seu saldo é deficitário nas suas relações inter-regional. Por esse fator a região tem necessitado da transferência líquida de recursos do governo central, quando suas exportações não são suficientes para cobrir seu déficit inter-regional.

O Nordeste apresenta um significativo grau de comércio intra-industrial, que pode ser observado em setores como o de produtos químicos inorgânicos; produtos químicos orgânicos;

peixes, crustáceos e moluscos; frutas, extratos vegetais, vestuário, plástico, couro e etc (HIDALGO; MATA, 2004).

De acordo com Melo (2013), os estados que mais contribuem para as exportações regionais são os estados da Bahia e do Maranhão. Na Bahia destaca-se o setor de pasta de madeira, o estado foi responsável por metade das vendas desse produto do Brasil para a China no ano de 2010, enquanto no Maranhão destaca-se o minério de ferro, onde o estado representou cerca de 7% nas vendas brasileiras nesse setor. Juntos totalizaram 74% das exportações da Região em 2010. Já em relação às importações, somados ao estado da Bahia e do Maranhão, se destacam também o Pernambuco e o Ceará. Juntos os quatro estados somaram 90% das importações regionais nesse mesmo ano.

Tabela 5: Desempenho do comércio exterior dos estados nordestinos 2017-2018 (US\$)

Estados	2017		2018	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação
Bahia	3.839.666.018,00	599.539.576,00	4.479.732.949,00	645.717.174,00
Maranhão	1.559.489.142,00	765.657.725,00	1.924.236.292,00	517.427.126,00
Piauí	387.299.305,00	13.449.328,00	691.104.708,00	11.847.328,00
Ceará	593.678.806,00	444.885.115,00	557.837.697,00	401.780.325,00
Alagoas	454.828.420,00	174.531.383,00	303.432.679,00	132.711.418,00
Pernambuco	352.813.850,00	524.297.211,00	267.696.205,00	581.031.770,00
Rio Grande do Norte	243.281.957,00	83.957.127,00	214.293.017,00	77.898.164,00
Sergipe	73.295.560,00	24.790.871,00	58.112.221,00	39.210.483,00
Paraíba	47.608.735,00	139.123.386,00	32.068.986,00	124.812.043,00
Nordeste	7.551.961.793,00	2.770.231.722,00	8.528.514.754,00	2.532.435.831,00

Fonte: XIMENES, 2019.

Até o ano de 2005 os principais destinos das exportações regionais eram a União Europeia (25%) e os Estados Unidos (22,7%). Porém ao longo dos anos, ambos os destinos apresentaram uma perda na participação de compra dos produtos nordestinos (SIQUEIRA, 2006).

Em 2008 o Nordeste exportava para 168 países e importava de 122 países. Já em 2017 passou a exportar para 174 países e importar de 136 países. Isso pode ser notado como uma expansão das atividades de comércio exterior da região. É notável também que a China durante alguns anos tem alcançado a primeira posição no ranking de maiores compradores da região, ultrapassando nesses anos os EUA que tradicionalmente ocupa essa a posição de líder (FREIRE; BARROSO, 2018).

4.1 ESPECIFICAÇÕES DO COMÉRCIO EXTERIOR POR ESTADO

4.1.1 ALAGOAS

De acordo com Xavier e Viana (2005), o estado de Alagoas apresenta competitividade para exportação no setor de produtos químicos orgânicos.

No estado é predominante a produção de bens de baixa intensidade tecnológica. Essa categoria foi responsável por 92% das exportações do estado em 2006 (destacando-se o açúcar 75% e líquidos alcóolicos e vinagres 17%). Enquanto a participação de alta tecnologia foi nula, o setor de média-alta intensidade tecnológica representou apenas 4% (composto pelos produtos químicos) e o setor de média-baixa intensidade representou 2% das exportações, se destacando o grupo de plásticos (MELO, 2007).

Tabela 6: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) de Alagoas – 2018 (US\$)

Estado/Segmento	Exportação	Importação
Alagoas	303.432.679,00	132.711.418,00
Complexo sucroalcooleiro	287.669.522,00	520.812,00
Complexo soja	10.500.799,00	-
Fumo e seus produtos	3.981.067,00	-
Sucos	686.387,00	1.298.604,00
Produtos oleaginosos (exclui soja)	216.955,00	9.057.899,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	158.801,00	18.947.547,00
Produtos florestais	117.341,00	2.232.328,00
Hortícolas, leg., raízes e tubérculos	22.593,00	35.979.441,00
Produtos alimentícios diversos	22.578,00	2.592.677,00
Carnes	22.532,00	1.859.894,00
Outros	34.104,00	60.222.216,00

Fonte: XIMENES, 2019.

Conforme os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados pelo estado foram o açúcar/melaço que correspondeu a 90%, produtos da indústria de transformação 4,0%, soja 1,9% e álcoois e fenóis 1,8%. Já em relação às importações, os principais itens no ano de 2020 foram o grupo de hidrocarbonetos e derivados 9,1%, seguido dos fertilizantes químicos 7,7%, produtos hortícolas 6,8% e equipamentos de telecomunicações 4,6%.

O estado ficou na 20ª posição no ranking nacional de exportações. Para o ano de 2020 os principais destinos foram: os Estados Unidos 30%, a Argélia 23%, o Canadá 11%, o Reino Unido 5,9% e a Geórgia 4,8%. Já as principais origens das importações foram: a China 47%, os Estados Unidos 14%, a Argentina 3,7%, a Rússia 3,4% e o Marrocos 2,6% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações desse estado totalizaram US\$ 418,2 milhões e as importações US\$ 665,6 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ -247,4 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.2 BAHIA

O estado da Bahia foi responsável por 55% das exportações da Região Nordeste em 2010, obtendo o título de maior exportador da região. Nesse mesmo ano respondeu por 38,2% das importações da região (MOURA; BARBOSA, 2014).

Em 2010 a Bahia ocupou o 9º lugar entre os demais estados brasileiros, em relação ao maior volume de produtos exportados. O valor foi de quase US\$ 9 bilhões. O estado se manteve na mesma posição em 2016, mesmo apresentando queda de quase US\$ 2,2 bilhões. A Bahia é o estado que apresenta maior participação de exportação da Região Nordeste, o estado era um grande exportador de cacau nas décadas anteriores (DUARTE, 2016).

De acordo com Siqueira (2006), desde 2001 o estado participa com mais da metade das exportações nordestinas. Em 2005 a participação foi de 57%.

De acordo com o Governo da Bahia (2020), o comércio exterior baiano, no ano de 2019, contribuiu para o crescimento do saldo da balança comercial do Nordeste em 27,2%. Nesse mesmo ano o estado participou com 48,5% do total das exportações da região. O aumento das exportações pode estar relacionado aos investimentos privados e incentivos estaduais que totalizaram R\$ 4,5 bilhões, gerando 4,6mil empregos.

De acordo com Melo (2013), o estado da Bahia se destaca com a venda de pasta de madeira e foi responsável por metade das exportações brasileiras desse produto para a China no ano de 2010. Os produtos que se destacam na pauta exportadora da Bahia para a China são: a pasta química de madeira e os grãos de soja.

Segundo Duarte (2016), entre 2010 e 2016 o setor de produtos químicos/petroquímicos e o setor de papel e celulose foram os mais exportados. O autor ressalta que os produtos que mais apresentam competitividade no estado são: o plásticos, a borracha, a pasta de madeira, o papel e as pérolas naturais.

“Os setores químicos, em sua maioria, estão instalados no Polo de Camaçari, maior complexo petroquímico da América Latina” (DUARTE, 2016, p.67).

A Bahia possui um histórico também de competitividade na exportação do cacau, que por ser uma atividade agrícola se enquadra na dinâmica de comércio exterior brasileiro, que é um grande exportador de *commodities* (SANTOS; CAVALCANTE; FILHO, 2013).

Tabela 7: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) da Bahia – 2018 (US\$)

Estado/Segmento	Exportação	Importação
Bahia	4.479.732.949,00	645.717.174,00
Complexo soja	1.980.535.092,00	-
Produtos florestais	1.491.750.600,00	73.429.741,00
Fibras e produtos têxteis	393.310.695,00	1.525.781,00
Cacau e seus produtos	199.774.397,00	175.194.056,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	137.765.933,00	18.099.836,00
Couros, prod. de couro e peleteria	99.875.783,00	6.416.515,00
Café	50.345.315,00	1.909.315,00
Fumo e seus produtos	27.730.293,00	73.197,00
Chá, mate e especiarias	27.229.677,00	287.579,00
Carnes	24.092.382,00	-
Outros	47.322.782,00	368.781.154,00

Fonte: XIMENES, 2019.

A pauta exportadora baiana se mostra de forma equilibrada entre os bens de média-alta, média-baixa e baixa intensidade tecnológica. O segmento de alta intensidade é insignificante, sendo representado pelo setor de produtos farmacêuticos que especificamente exportou gases cirúrgicos. O segmento de média-alta intensidade foi representado pelos veículos automóveis/acessórios 14% e produtos químicos orgânicos 13%. O segmento de média-baixa intensidade teve como destaques: combustíveis, óleos e ceras minerais 16%; cobre 12%; e plástico 5%. Já o segmento de baixa intensidade teve como destaque a pasta de madeira 9% (MELO, 2007).

De acordo com os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram a soja 17%, óleos combustíveis de petróleo 15%, celulose 13%, algodão 7,2% e o ouro 5,4%. Já em relação às importações em 2020 os principais produtos foram os óleos combustíveis de petróleo 19%, minérios de cobre 9,0%, veículos automóveis 8,9%, fertilizantes químicos 6,5% e produtos da indústria de transformação 4,0%.

O estado ficou na 10ª posição no ranking nacional de exportações. Os principais destinos de 2020 foram a China 29%, a Cingapura 13%, os Estados Unidos 11%, a Argentina 5,4% e a Suíça 3,9%. Já as principais origens foram os Estados Unidos 14%, a Argentina 13%, a China 13%, a Espanha 9,4% e o Chile 6,8% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações desse estado totalizaram US\$ 7.826,9 milhões e as importações US\$ 4.755,2 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ 3.071,7 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.3 CEARÁ

De acordo com Xavier e Viana (2005) o estado do Ceará tem competitividade em diversos setores, como peixes, crustáceos e moluscos; laticínios, ovos e mel natural; plantas vivas e produtos de floricultura; frutas, cascas de cítricos e de melões; cereais, produtos da indústria de moagem, malte e amidos; extratos vegetais; couro; algodão; vestuário; calçados; obras de pedra, gesso, cimento; e obras de ferro.

Tabela 8: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Ceará – 2018 (US\$)

Ceará	557.837.697,00	401.780.325,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	185.211.781,00	13.892.792,00
Couros, prod. de couro e peleteria	127.471.817,00	5.783.104,00
Pescados	63.510.117,00	8.268.580,00
Sucos	59.027.052,00	7.601.592,00
Demais produtos de origem vegetal	57.872.419,00	3.932.292,00
Fibras e produtos têxteis	34.468.203,00	39.564.269,00
Produtos alimentícios diversos	15.048.777,00	1.806.061,00
Produtos apícolas	6.499.416,00	-
Cereais, farinhas e preparações	3.305.100,00	230.412.561,00
Bebidas	2.780.389,00	199.730,00
Outros	2.642.626,00	90.319.344,00

Fonte: XIMENES, 2019.

A predominância das vendas externas desse estado é de produtos de baixa intensidade tecnológica, correspondendo a cerca de 90% do total exportado em 2006. O segmento de alta tecnologia é insignificante, representado por materiais para suturas cirúrgicas, no setor de produtos farmacêuticos. O segmento de média-alta intensidade teve pouca representatividade com produtos como automóveis e seus acessórios. Enquanto o segmento de média-baixa

intensidade foi representado pelos grupos de: ferro e aço 2%; e obras de pedra, gesso, cimento 1,5%. Já o segmento de baixa intensidade teve como destaque: calçados 25%; frutas e cascas de cítricos 19%; couros 13%; e algodão 12% (MELO, 2007).

De acordo com os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: os lingotes de ferro/aço 50%, calçados 9,2%, frutas e nozes não oleaginosas 8,2%, geradores elétricos 6,8% e produtos da indústria de transformação 4,2%. Já em relação às importações em 2020 os principais produtos foram: os óleos combustíveis de petróleo 11%, carvão 11%, trigo e centeio 11%, veios de transmissão e manivelas/engrenagens 5,2% e compostos organo-inorgânicos 5,1%.

O estado ficou na 14ª posição no ranking nacional de exportações. Os principais destinos de 2020 foram: os Estados Unidos 38%, a China 13%, o Canadá 6,5%, a Turquia 4,7% e o México 3,1%. Já as principais origens das importações foram: os Estados Unidos 29%, a China 23%, a Argentina 7,2%, a Dinamarca 6,3% e a Colômbia 5,2% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações totalizaram US\$ 1.854 milhões e as importações US\$ 2.413,5 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ -559,5 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.4 MARANHÃO

De acordo com Pereira e Coronel (2015), o estado do Maranhão teve um maior destaque na inserção internacional entre os anos de 2004 e 2008, quando houve um aumento das importações. O estado vem recebendo incentivo de crédito para atrair investidores desde a década de 1980. Como resultado houve a implantação do Projeto Grande Carajás, que se trata de um projeto de exploração mineral desenvolvido pela Companhia Vale do Rio Doce. Houve também a implantação do projeto Alumar, empresa formada por um consórcio entre mineradoras com vista para a exploração do alumínio. Além dessas se desenvolveu também a monocultura da soja no estado, tendo esta grande relevância em sua pauta exportadora. O estado do Maranhão é o segundo maior produtor de soja no Nordeste, ficando atrás apenas do Piauí. O objetivo desses projetos era colocar o Maranhão na rota do comércio mundial de minérios e alimentos, além de preparar o local para o escoamento da produção nacional desses produtos, através de sua estrutura ferroviária e portuária.

Ao analisar o fluxo comercial do estado entre 2001 e 2012, identifica-se que suas exportações são formadas fundamentalmente de *commodities* minerais e agrícolas. Os produtos não industriais, somados aos industriais de média-baixa intensidade tecnológica, correspondem a 90% das exportações estadual. Tais produtos tiveram maior expressividade na pauta

exportadora no ano de 2010, período em que a corrente comercial com a China apresentou maiores números. Já em relação às importações, essas também se concentram em produtos de média-baixa intensidade tecnológica, se destacando os combustíveis como a querosene. Nesse período analisado de 2001 a 2012, o principal país origem das importações maranhenses foram os Estados Unidos com participação de 26,6% (PEREIRA; CORONEL, 2015).

Segundo Xavier e Viana (2005) o estado do Maranhão apresentou competitividade em setores como o de sementes e grãos; frutos oleaginosos; produtos químicos inorgânicos; ferro, aço e alumínio.

Tabela 9: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Maranhão – 2018 (US\$)

Maranhão	1.924.236.292,00	517.427.126,00
Complexo soja	987.317.985,00	-
Produtos florestais	822.409.356,00	235.049,00
Fibras e produtos têxteis	55.435.165,00	-
Carnes	23.794.931,00	-
Cereais, farinhas e preparações	21.595.406,00	52.390.005,00
Demais produtos de origem animal	5.581.817,00	-
Couros, prod. de couro e peleteria	4.442.039,00	-
Produtos apícolas	1.425.372,00	-
Demais produtos de origem vegetal	1.243.640,00	192.798,00
Produtos oleaginosos (exclui soja)	470.538,00	245.004,00
Outros	520.043,00	464.364.270,00

Fonte: XIMENES, 2019.

As exportações maranhenses em sua maioria são compostas por bens de média-baixa e baixa intensidade tecnológica, que juntas totalizaram 90% das exportações do estado no ano de 2006. O segmento de alta tecnologia teve participação nula, enquanto o segmento de média-alta intensidade teve como destaque, produtos químicos orgânicos, correspondendo a 9% da pauta estadual. O segmento de média-baixa intensidade teve como destaque o alumínio 34%; e ferro e aço 26%. Já o segmento de baixa intensidade foi representado com maior importância pelo grupo de minérios, escórias e cinzas 14%, e sementes e frutos oleaginosos 14% (MELO, 2007).

De acordo com os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: o alumínio 31%, seguido da soja 23%, a celulose 15%, o ferro 11% e o ouro 6,5%. No ano de 2019 o alumínio e a celulose tiveram participações um pouco maiores na pauta exportadora, correspondendo respectivamente a 36% e 19%. A soja permaneceu com a mesma

porcentagem de 23%. Já em relação às importações no ano de 2020, os principais produtos foram: os óleos combustíveis de petróleo 58%, fertilizantes químicos 22% e produtos da indústria de transformação 4,5%. Em 2019 o setor de óleos combustíveis de petróleo correspondeu a 70% das importações do estado.

O estado do Maranhão ficou na 13ª posição no ranking nacional de exportação. Os principais destinos de 2020 foram: a China 26%, o Canadá 26%, os Estados Unidos 13%, a Espanha 26% e a Holanda 3,2%. Já as principais origens foram: os Estados Unidos 64%, a Rússia 4,9%, o Marrocos 3,7%, a China 2,7%, a Colômbia 1,9% e o Egito 1,9% (Comexstat, 2021).

No ano de 2019 os Estados Unidos tiveram também grande participação nas importações do Maranhão, correspondendo a 65% do total (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações desse estado totalizaram US\$ 3.365,2 milhões e as importações US\$ 1.982,3 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ 1.382,9 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.5 PARAÍBA

De acordo com Xavier e Viana (2005) o estado da Paraíba apresenta competitividade em setores como o de têxteis, peixes e crustáceos, cereais, bebidas, líquidos alcoólicos, aparelhos de óptica, brinquedos e artigos para esporte.

Tabela 10: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) da Paraíba – 2018 (US\$)

Estado/Segmento	Exportação	Importação
Paraíba	32.068.986,00	124.812.043,00
Fibras e produtos têxteis	11.665.852,00	15.960.572,00
Complexo sucroalcooleiro	6.313.770,00	1.746.911,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	6.279.523,00	2.191.806,00
Sucos	4.175.672,00	315.838,00
Pescados	1.986.936,00	7.555.766,00
Carnes	1.163.608,00	2.826.801,00
Demais produtos de origem vegetal	189.570,00	1.644.785,00
Couros, prod. de couro e peleteria	177.358,00	142.565,00
Bebidas	89.917,00	3.890.767,00
Produtos alimentícios diversos	20.703,00	422.842,00
Outros	6.077,00	88.113.390,00
Total geral	8.528.514.754,00	2.532.435.831,00

Fonte: XIMENES, 2019.

Nas exportações paraibanas o segmento com maior destaque é o de bens produzidos com baixa intensidade tecnológica, esse setor correspondeu a 90% da pauta exportadora estadual em 2006. O segmento de alta intensidade tecnológica teve participação nula, e o de média-alta teve participação insignificante. Já para o setor de baixa intensidade tecnológica, os destaques foram: artefatos têxteis 25%, calçados 20%, e algodão 10%. O setor de média-baixa intensidade foi representado pelo grupo de sal, enxofre, terras e pedras, gesso e cal 8% (MELO, 2007).

De acordo com os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: calçados 42%, álcoois e fenóis 16%, sucos de frutas 9,1%, outros minérios concentrados 7,5% e açúcares e melado 4,5%. Já em relação às importações os principais produtos importados de 2020 foram: os óleos brutos de petróleo 12%, trigo e centeio 9,9%, cereais 7,9%, borrachas sintéticas 6,9% e produtos residuais de petróleo 6,9%.

O estado ficou na 25ª posição no ranking nacional de exportações. Os principais destinos de 2020 foram: os Estados Unidos 20%, a França 14%, a Holanda 8,9%, a Bélgica 6,1% e a Austrália 5,7%. Já as principais origens de 2020 foram: os Estados Unidos 31%, a China 19%, a Argentina 12%, o Uruguai 6,5% e o Vietnã 6,1% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações do estado da Paraíba totalizaram US\$ 125,3 milhões e as importações US\$ 504,6 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ -379,3 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.6 PERNAMBUCO

De acordo com Xavier e Viana (2005), o estado do Pernambuco apresenta competitividade em setores como o de sabão, borracha, fibras sintéticas tapeçarias, pena, produtos cerâmicos vidro, ferro e aço.

Apesar disso o estado apresenta grande participação também em setores do agronegócio conforme se mostra na tabela a seguir:

Tabela 11: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) de Pernambuco – 2018 (US\$)

Pernambuco	267.696.205,00	581.031.770,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	148.033.769,00	13.612.681,00
Complexo sucroalcooleiro	83.446.167,00	63.476.866,00
Sucos	17.789.066,00	215.427,00
Pescados	4.816.157,00	40.063.200,00
Hortícolas, leg., raízes e tubérculos	4.444.788,00	31.542.843,00
Bebidas	3.032.863,00	36.314.369,00
Carnes	1.986.612,00	18.846.628,00
Couros, prod. de couro e peleteria	1.766.454,00	1.018.451,00
Chá, mate e especiarias	832.493,00	5.349.637,00
Cereais, farinhas e preparações	530.515,00	218.839.174,00
Outros	1.017.321,00	151.752.494,00

Fonte: XIMENES, 2019.

As exportações desse estado são principalmente de bens produzidos com média-baixa e baixa intensidade tecnológica, que juntos somaram 85% do valor total da pauta estadual em 2006. O segmento de alta intensidade teve participação insignificante, com destaque para a venda de medicamentos no grupo de produtos farmacêuticos. O segmento de média-alta intensidade foi representado especialmente pelo grupo de máquinas e aparelhos elétricos 7% e reatores nucleares, caldeiras e máquinas 2%. Enquanto o segmento de média-baixa intensidade foi representado pelos grupos das borrachas 6% e dos plásticos 6%. Já o segmento de baixa intensidade teve como destaque os grupos de açúcares 26% e das frutas e cascas de cítricos 13% (MELO, 2007).

De acordo com Feistel e Hidalgo (2011), o estado do Pernambuco se destaca na venda nos setores de plástico, borrachas, couro, têxtil, obras de pedra e aparelhos elétricos. O autor ressalta ainda que o açúcar sempre deteve participação massiva na pauta de exportação pernambucana. De acordo com o autor, no ano de 2010 as exportações da região foram compostas de 70,95% de bens intermediários, 15,41% de bens de consumo e 11,55% de combustíveis e lubrificantes.

O estado pernambucano possui uma pauta importadora bastante diversificada em comparação com os demais estados, apresentando importações nos setores de reatores nuclear, caldeiras, aparelhos, materiais elétricos, ferro fundido e tecidos de malha, que servem de insumo para sua indústria de confecções (MELO, 2013).

De acordo com os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: os óleos combustíveis de petróleo 28%, frutas e nozes não oleaginosas 12%,

açúcar e melaços 10%, veículos automóveis 8,9% e poliacetais 8,8%. Já em relação às importações, os principais produtos foram: os óleos combustíveis de petróleo 13%, propano e butano 12%, outros hidrocarbonetos 5,3%, produtos da indústria de transformação 4,6% e álcoois e fenóis 4,3%.

O estado ficou na 15ª posição no ranking nacional de exportações. Os principais destinos de 2020 foram: a Cingapura 26%, a Argentina 21%, os Estados Unidos 12%, a Holanda 6,7% e a Colômbia 4,7%. Já as principais origens de 2020 foram: os Estados Unidos 36%, a Argentina 13%, a China 11%, o México 4,8% e a Suíça 3,7% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações do estado do Pernambuco totalizaram US\$ 1.571,2 milhões e as importações US\$ 3.448,7 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ - 1.877,5 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.7 PIAUÍ

De acordo com Xavier e Viana (2005), o estado do Piauí apresenta competitividade no setor de vestuário e seus acessórios.

Ao analisar os dados de 2002 a 2018, constata-se que o estado é o quinto estado que mais exporta na região Nordeste, atingindo crescimento de 77,9% no ano de 2018. Os países que mais contribuíram para as exportações do estado foram a China e a Alemanha, sendo responsáveis por 85,2% das exportações do estado em 2018. O sudoeste do estado é composto quase inteiramente por área de cerrado, onde é cultivada a soja, principal produto exportado, responsável por 84,7% das exportações do estado em 2018, referente ao valor de US\$ 598 milhões (FAPEPI, 2020).

Apesar da alta concentração o estado apresenta também potencial de exportação para outros produtos como: conservas de frutas e legumes; produtos químicos inorgânicos; aparelhamento de pedras; e estruturas metálicas e obras de caldeiraria. Entre 2012 e 2018 o setor de produtos químicos inorgânicos apresentou crescimento anual de 12,2% (FAPEPI, 2020).

Tabela 12: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Piauí – 2018 (US\$)

Piauí	691.104.708,00	11.847.328,00
Complexo soja	630.115.541,00	-
Demais produtos de origem vegetal	37.383.251,00	-
Produtos apícolas	13.621.502,00	-
Fibras e produtos têxteis	3.863.658,00	-
Pescados	3.628.480,00	-
Couros, prod. de couro e peleteria	1.286.619,00	666.883,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	969.807,00	1.768.067,00
Animais vivos (exceto pescados)	212.242,00	-
Bebidas	13.250,00	-
Produtos florestais	10.358,00	15.096,00
Cereais, farinhas e preparações	-	9.397.282,00

Fonte: XIMENES, 2019.

A pauta exportadora desse estado em sua maioria é composta por bens de baixa intensidade tecnológica. Esse setor correspondeu a 80% das exportações estadual em 2006. O segmento de alta tecnologia teve participação nula. O segmento de média-alta intensidade teve como destaque o grupo de produtos químicos orgânicos 9%. Enquanto o segmento de média-baixa intensidade teve como destaque o grupo de sal, enxofre, terras e pedras e gesso e cal 7%. Já o segmento de baixa intensidade foi representado em destaque pelos grupos de gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais 34%, frutas e cascas de cítricos 13% e sementes e frutos oleaginosos 11% (MELO, 2007).

Conforme os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: a soja 70%, o milho 8,2%, gorduras vegetais e animais 8,2%, farelo de soja 4,5% e mel natural 3,6%. Em 2019 a participação da soja foi de 76%. Já em relação às importações, os principais itens de 2020 foram: válvulas e tubos 49%, laminados de ferro/aço 9,4%, máquinas e equipamentos 7,8%, máquinas de energia elétrica 7,7% e produtos da indústria de transformação 4,7%.

O estado do Piauí ficou na 19ª posição no ranking nacional de exportação. Os principais destinos de 2020 foram: a China 55%, o Irã 6,1%, os Estados Unidos 6,0%, a Tailândia 4,5% e a Alemanha 4,2%. Já as principais origens das importações foram: a China 60%, a Espanha 11%, a Rússia 5,9%, a Itália 5,3% e a Ucrânia 3,8% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações desse estado totalizaram US\$ 580,7 milhões e as importações US\$ 299,6 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ 281,1 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.8 RIO GRANDE DO NORTE

De acordo com Xavier e Viana (2005), o estado do Rio Grande do Norte apresenta competitividade em setores como o de peixes e crustáceos, óleos minerais, vestuário, gorduras vegetais e animais, sal, enxofre, cal e cimento.

A participação de produtos manufaturados na pauta exportadora do Rio grande do Norte ainda é fraca, até o ano de 2006, 92% do seu comércio era interindustrial (o que demonstra uma grande disparidade entre os setores de exportação e importação). Historicamente os principais produtos que geram impulso econômico para o estado, são aqueles provenientes da agricultura, onde se destacam: as frutas, o açúcar, o algodão, o cacau, o fumo e o couro. Há ainda a participação de alguns minérios e oleaginosas em menor quantidade (SILVA; MONTALVÁN, 2008).

No início dos anos 2000 o melão era o principal produto exportado. Até 2006 o setor das frutas é o que liderava no ranking das exportações, um dos quais o estado apresenta vantagem comparativa, com exceção de 2004, ano em que houve uma superação do grupo de combustíveis que contribuiu com 49,55% das exportações do estado (SILVA; MONTALVÁN, 2008).

Os valores das exportações de frutas tropicais e máquinas diversas cresceu em 41,8% no Rio Grande do Norte ao longo de 2019. Nesse ano o estado foi o que teve maior crescimento dentre os demais estados da Região Nordeste. O principal produto da pauta exportadora do estado é o melão fresco, que obteve uma alta significativa nas exportações de 2019. Aumento de 64,8% em comparação a 2018. De U\$\$ 70,9 milhões (em 2018) para U\$\$ 116,9 milhões (em 2019). Esse aumento foi consequência também do baixo consumo da fruta no mercado nacional, além da alta valorização do dólar e do Euro, que tornaram o processo de exportação ainda mais rentável. Além do melão se exportou também em menores proporções, a melancia e a castanha de caju. (Tribuna do Norte, 2020)

Tabela 13: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) do Rio Grande do Norte – 2018 (US\$)

Rio Grande do Norte	214.293.017,00	77.898.164,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	135.080.597,00	1.470.967,00
Fibras e produtos têxteis	31.830.609,00	2.705.995,00
Pescados	22.391.628,00	2.845.415,00
Demais produtos de origem animal	15.932.012,00	18.480,00
Produtos alimentícios diversos	6.317.283,00	811.002,00
Complexo sucroalcooleiro	1.106.759,00	-
Hortícolas, leg., raízes e tubérculos	851.922,00	182.624,00
Produtos oleaginosos (exclui soja)	345.444,00	47.865,00
Demais produtos de origem vegetal	310.221,00	1.164.350,00
Bebidas	55.707,00	141.840,00
Outros	70.835,00	68.509.626,00

Fonte: XIMENES, 2019.

As exportações desse estado são em sua maioria de bens de média-baixa e baixa intensidade tecnológica. Juntos corresponderam a 85% das exportações totais do estado em 2006. O segmento de alta tecnologia teve participação nula, enquanto o de média-alta teve participação insignificante. O segmento de média-baixa intensidade teve como relevante o grupo de combustíveis, óleos e ceras minerais 7% e sal, enxofre, terra e pedras, gesso e cal 4%. Já o segmento de baixa intensidade foi representado principalmente pelo grupo de frutas e cascas de cítricos 39%; frutos do mar 16%; e açúcares 12% (MELO, 2007).

De acordo com dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: frutas e nozes não oleaginosas 45%, óleos combustíveis de petróleo 18%, outros minerais brutos 8,9%, tecidos de algodão, 4,7% e matérias brutas de animais 4,3%. Já em relação às importações de 2020, os principais produtos foram: o trigo e centeio 33%, polímeros de etileno 4,6%, fertilizantes químicos 3,4%, aparelhos elétricos 3,3% e produtos da indústria de transformação 3,1%.

O estado do Rio Grande do Norte ficou na 21ª posição no ranking nacional de exportações. Os principais destinos de 2020 foram: os Estados Unidos 18%, a Cingapura 17%, a Holanda 16%, o Reino Unido 11% e a Espanha 11%. Já as principais origens foram: a Argentina 26%, os Estados Unidos 14%, a China 14%, a Espanha 9,4% e a Alemanha 5,5% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações totalizaram US\$ 339,9 milhões e as importações US\$ 180,4 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ 159,5 milhões (Comexstat, 2021).

4.1.9 SERGIPE

De acordo com Xavier e Viana (2005), o estado de Sergipe apresenta competitividade nos setores de sal, enxofre, cimento, gesso, cal e artefatos têxteis.

De acordo com o G1 (2017), o comércio de suco de laranja lidera as exportações representando 31,1% da pauta exportadora do estado. O açúcar é o segundo produto mais exportado, representando 22,5% e em terceiro lugar os calçados com 5,8%. Em relação às importações, o principal produto é o coque de petróleo com representatividade de 32,7%, seguido pelo sulfato de amônio 6,2% e depois pelos calçados 5,2%.

A pauta de exportação sergipana é composta principalmente por oito produtos, que correspondem a 90% do total das exportações. Somente a indústria de sucos corresponde a mais de 50%, sendo os principais o suco de laranja e abacaxi (Fecomércio SE, 2019)

O estado de Sergipe é o 26º colocado no ranking de exportações do país, é o menor estado brasileiro, o que torna compreensível que sua produção e exportações também sejam menores em comparação com os demais estados. Os principais produtos exportados em 2019 foram: suco de frutas 50%, calçados 15%, açúcar 11%, equipamentos de uso doméstico 6,6%, produtos da indústria de transformação 4,7%, produtos comestíveis 4,1% e óleos essenciais 4% (Fazcomex, 2020).

Tabela 14: Desempenho do comércio exterior (do agronegócio) de Sergipe – 2018 (US\$)

Sergipe	58.112.221,00	39.210.483,00
Sucos	43.992.764,00	584.385,00
Complexo sucroalcooleiro	3.579.201,00	-
Produtos alimentícios diversos	3.412.647,00	21.828,00
Couros, prod. de couro e peleteria	3.355.349,00	-
Demais produtos de origem vegetal	2.905.181,00	349.760,00
Frutas (inclui nozes e castanhas)	599.483,00	1.535.559,00
Cacau e seus produtos	199.924,00	72.612,00
Fibras e produtos têxteis	44.001,00	907.929,00
Café	14.904,00	-
Bebidas	6.497,00	228.805,00
Outros	2.270,00	35.509.605,00

Fonte: XIMENES, 2019.

O principal segmento de exportação do estado é o de baixa intensidade tecnológica, esse setor correspondeu a 80% do total das exportações estadual em 2006. O segmento de alta

tecnologia é insignificante, correspondendo a exportações de alguns medicamentos no grupo de produtos farmacêuticos. O segmento de média-alta intensidade não possui representatividade. O segmento de média-baixa intensidade teve como destaque o grupo de sal, enxofre terras, pedra, gesso e cal 18%. Já o segmento de baixa intensidade teve como destaque o grupo de preparação de produtos hortícolas 56% (MELO, 2007).

De acordo com os dados do Comexstat (2021), no ano de 2020 os principais produtos exportados foram: o suco de frutas 59%, produtos comestíveis 9,3%, óleos essenciais 6,5%, equipamentos elétricos 5,8% e calçados 5,6%. Em 2019 os três principais foram suco de frutas 50%, calçados 15% e açúcar 11%. Já em relação às importações, os principais itens de 2020 foram: fertilizantes químicos 15%, trigo e centeio 15%, obras de ferro/aço 15%, gás natural 9,4% e aparelhos elétricos 5,2%. Houve uma grande diferença em relação ao ano de 2019, onde os principais itens importados foram: geradores elétricos 30%, caldeiras 23%, aquecimento e resfriamento de equipamentos 7,2%, fertilizantes químicos 4,8% e produtos da indústria da transformação 4,6%.

O estado de Sergipe ficou na 26ª posição no ranking nacional de exportações. Os principais destinos de 2020 foram: a Holanda 42%, a Bélgica 10%, os Estados Unidos 7,9%, a Espanha 5,0% e a Itália 3,6%. Já as principais origens foram: os Estados Unidos 18%, a Argentina 18%, a China 14%, a Rússia 9,0% e a Índia 5,3% (Comexstat, 2021).

No ano de 2020 as exportações desse estado totalizaram US\$ 39,3 milhões e as importações US\$ 171,8 milhões. O saldo na balança comercial foi de US\$ -132,5 milhões (Comexstat, 2021).

5 RELAÇÃO COMERCIAL NORDESTE-CHINA

A China é o destino de 25% das exportações brasileiras, que consistem em produtos primários com pouco valor agregado, como o minério de ferro e a soja. Em 2017 as exportações do Brasil para a China alcançaram U\$\$ 50 bilhões. O Brasil tem o objetivo de ampliar a lista de produtos vendidos para a China, dentre esses o melão, produzido na região Nordeste. O processo se dá com a celebração de um documento que permite a abertura do mercado chinês para o melão brasileiro. Em contrapartida o mercado brasileiro fica aberto para as maçãs e peras chinesas (Diário do Nordeste, 2019).

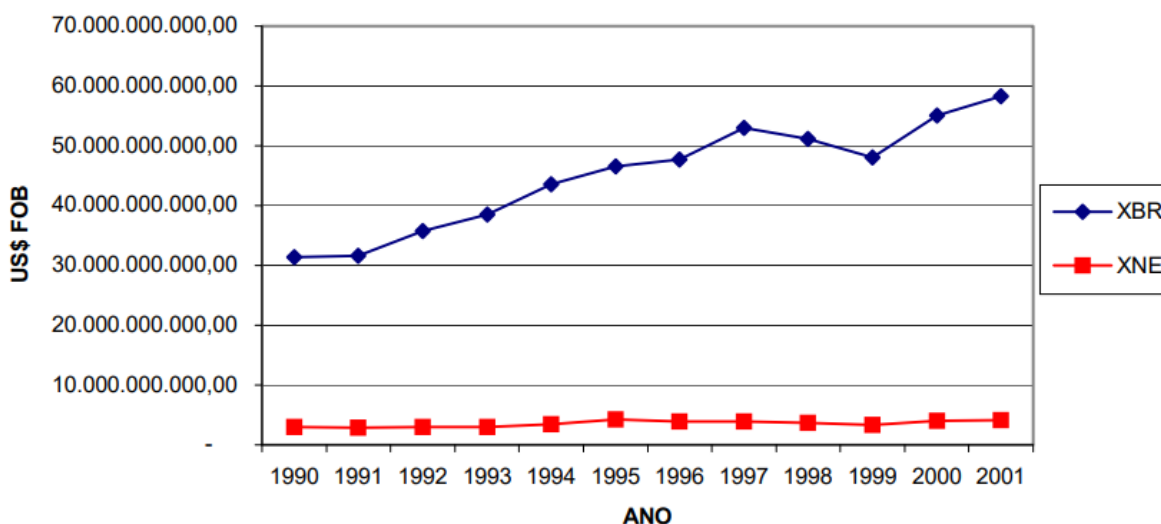
A China já se configura como o maior parceiro comercial do Brasil. Melo e Moreira (2009), aponta que a expansão do comércio exterior brasileiro está relacionada com a expansão do comércio exterior chinês. Isso se dá, porque o crescimento da demanda chinesa tem impacto direto no aumento das exportações brasileiras, e o mesmo pode ser visto na Região Nordeste.

De acordo com Duarte (2016), a Região Nordeste demorou mais que as demais regiões do país para estabelecer seu processo de abertura internacional. A região começa a ganhar destaque nas trocas comerciais a partir do início dos anos 2000, período em que a China aumenta sua corrente de comércio com o Brasil e consequentemente a Região passa a ser beneficiada com essa relação, por ofertar produtos que coincidem com a demanda da economia chinesa.

O Brasil se inseriu mais intensamente no mercado mundial a partir da década de 1990, com a abertura da economia, a adoção do Plano Real pós 1994 e a reestruturação produtiva. Constata-se, no entanto, que nem todas as macrorregiões brasileiras obtiveram o mesmo desempenho de abertura, como é o caso do Nordeste. Esta última se mostrou mais fechada durante pelo menos quatro décadas em relação às demais regiões do país, mas apresentando desde os anos 2000 uma favorável mudança no seu comportamento quanto à participação no comércio internacional, sobretudo pelo desempenho baiano, principal estado exportador da região (MOURA; BARBOSA, 2014 *apud*. DUARTE, 2016).

“A trajetória ascendente da corrente de comércio da região Nordeste com o mundo, nos anos 2000, esteve fortemente associada à expansão das transações comerciais com a China” (BRAGA; MELO; HOLANDA, 2015, p.124).

Gráfico 4: Comparação dos valores exportados entre o Brasil e a região Nordeste de 1990 a 2001.



Fonte: DAMASCENO, 2003.

À medida que o processo de urbanização e industrialização se acelera na China, faz-se necessário o aumento da importação de *commodities*, como alimentos e minérios no país. Com isso o país tem buscado cada vez mais estreitar seus laços com outros países e regiões que possuam abundância em tais recursos, para continuar a alimentar o seu crescimento (NAKATANI; et al., 2014).

“O comportamento expansionista do mercado chinês impulsionou, certamente, as vendas nos segmentos próximos à agropecuária e à extração mineral, importantes na pauta regional” (MELO; MOREIRA, 2009 p.693).

Entre os anos de 2002 e 2007 ocorreu uma intensificação na corrente comercial entre o Brasil e a China. Tanto o Brasil passou a exportar mais bens para a China, como passou também a importar mais bens desse país. Em 2007 esse fluxo comercial foi quatro vezes maior que o analisado em 2002 (MELO; MOREIRA; VELOSO, 2010).

De acordo com Feistel e Hidalgo (2011), a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil no ano de 2009. Nesse ano o país foi destino de 13,3% do total das exportações brasileiras. Os Estados Unidos passaram a ficar em segundo lugar no ranking nacional.

Ao comparar o fluxo comercial entre o Nordeste e a China entre os anos de 2002 e 2010, Melo (2013) aponta que esse fluxo aumentou em seis vezes a quantidade das compras e em sete vezes a quantidade das vendas da região para com a China, passando a ocupar em 2010 a segunda posição no ranking dos maiores compradores da Região, sendo o destino de 11% das

exportações do Nordeste nesse mesmo ano. Atualmente a China está atrás apenas dos Estados Unidos, nas exportações regionais.

No ranking dos principais compradores da região, a China ocupava a 13ª posição em 2002 e passou a ocupar a 4ª posição já em 2007 (MELO; MOREIRA, 2009).

A tabela a seguir demonstra que ao longo dos anos China e Estados Unidos tem sido os principais compradores da região Nordeste. A China se posicionou em primeiro lugar como o principal destino das exportações nordestinas em 2013, 2014, 2015 e 2017. Ao se comparar com o ano de 2008, onde o país ocupava o quarto lugar, nesse espaço de tempo, as vendas cresceram 185%, passando de 7,4% para 19,4% a participação do país no total das vendas externas da região (FREIRE; BARROSO, 2018).

Tabela 15: Corrente comercial do Nordeste com os principais parceiros 2008-2017 (em US\$ milhões)

Países	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Exportação	15.452	11.616	15.868	18.830	18.773	17.270	15.914	14.655	12.814	16.761
China	1.138	1.361	1.784	1.970	2.059	2.255	2.529	3.476	1.870	3.252
Canadá	162	160	267	391	498	465	546	489	583	905
Países Baixos	1.851	935	979	1.258	2.035	1.761	1.420	1.018	983	1.069
Argentina	1.430	967	1.526	1.931	1.342	1.832	1.224	1.100	1.448	1.994
Bélgica	349	234	296	389	332	248	239	262	295	384
México	502	255	349	275	305	394	357	250	242	561
Peru	61	41	69	81	77	84	62	64	111	144
Chile	149	93	89	119	160	117	130	137	170	211
Argélia	25	6	44	97	43	42	29	48	15	23
Estados Unidos	3.154	1.962	2.435	2.681	2.449	1.995	2.096	1.846	2.107	2.460
Demais Países	6.629	5.600	8.029	9.639	9.474	8.078	7.280	5.965	4.990	5.759
Importação	15.526	10.796	17.579	24.156	26.007	27.740	28.724	21.427	17.540	19.420
China	1.351	1.022	1.722	1.995	2.926	2.920	2.800	2.228	1.929	2.015
Canadá	227	172	304	389	392	391	308	239	126	180
Países Baixos	276	88	277	836	1.700	891	1.720	1.049	680	686
Argentina	1.570	1.319	1.905	2.318	2.259	2.357	1.890	1.759	1.690	1.741
Bélgica	198	122	113	156	322	193	142	157	136	150
México	662	557	637	927	1.129	1.041	989	801	589	867
Peru	34	37	37	120	76	300	217	280	373	476
Chile	879	697	1.051	1.101	780	1.261	1.040	1.083	501	588
Argélia	563	495	839	901	814	873	1.226	971	709	1.074
Estados Unidos	2.154	1.206	2.921	4.814	4.689	6.371	7.566	3.518	3.239	4.696
Demais Países	7.612	5.081	7.774	10.599	10.918	11.142	10.824	9.343	7.568	6.947

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE (FREIRE; BARROSO, 2018)

Em relação as importações, conforme mostra a tabela, os Estados Unidos também segue liderando a primeira posição, a China disputa com a Argentina o segundo lugar, ocupando essa posição em 2012, 2013, 2015, 2016 e 2017.

A importância da relação comercial do Nordeste com a China, se tornou mais evidente quando 15,61% das exportações da região foram direcionadas para esse país, em contraste com a porcentagem de 1,7% de participação que apresentava no início dos anos 2000 (FEISTEL; HIDALGO, 2011).

Conforme mostra a tabela a seguir, houve um aumento da corrente comercial entre o Nordeste e a China ao longo dos anos.

Tabela 16: Evolução do saldo da balança comercial do Nordeste com a China e com o mundo 2002-2007 (US\$)

Ano	Mundo			China			X China/ X Mundo (%)	M China/ M Mundo (%)
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo		
2002	4.655.567.344	4.659.979.338	-4.411.994	78.888.572	75.701.235	3.187.337	1,69	1,62
2003	6.112.111.026	4.328.650.101	1.783.460.925	139.035.153	101.213.315	37.821.838	2,27	2,34
2004	8.043.625.054	5.510.521.497	2.533.103.557	207.147.366	208.126.039	-978.673	2,58	3,78
2005	10.561.140.558	6.307.781.601	4.253.358.957	482.866.522	287.363.579	195.502.943	4,57	4,56
2006	11.629.125.638	8.854.753.841	2.774.371.797	590.995.577	485.534.113	105.461.464	5,08	5,48
2007	13.086.243.050	11.789.667.519	1.296.575.531	937.624.381	860.049.389	77.574.992	7,16	7,29

Fonte: MELO; MOREIRA, 2009.

As exportações da região para a China, apresentam uma pauta mais concentrada de que as importações da região provenientes desse mesmo país. As importações têm se tornado cada vez mais diversificadas, estando entre elas: bens manufaturados de consumos duráveis, não duráveis, bens de equipamentos e bens intermediários (MELO, 2013).

Não há dúvida de que uma forte concentração da pauta exportadora reduz as potencialidades de expansão do comércio e compromete o setor externo, à medida que o desempenho fica associado a poucos setores, poucos produtos e poucos destinos, o que fragiliza a pauta exportadora e, portanto, compromete o setor externo, uma vez que o desempenho internacional fica dependendo da eficiência desses poucos setores e sujeita às ações de poucos parceiros (MELO, 2007, p. 599)

Em 2007, apenas sete setores foram responsáveis por 93% das vendas externas da região Nordeste para a China. Apenas dois setores representaram 50% (entre o período de 2005 e 2006) sendo eles: o setor de sementes e frutos oleaginosos; e o setor de pasta de madeira e matérias celulósicas. Já as importações demonstraram uma menor concentração, sendo que dezenove setores foram responsáveis por 92% do valor das importações (MELO; MOREIRA, 2009).

“A Região Nordeste vem comprando da China produtos de setores cada vez mais diversificados, contudo, conservando forte concentração em alguns deles” (MELO; MOREIRA, 2009, p.692).

Quando uma economia expressa forte grau de concentração em relação às exportações por setores, significa que a economia é bastante especializada, o que, olhando pelo lado negativo, a torna vulnerável às oscilações de demandas. Isso porque o seu desempenho externo está vinculado a poucos setores. Em relação às importações, quando há uma grande concentração das mesmas em determinados setores, significa que a economia importadora é pouco dinâmica, possui baixo nível de consumo e uma produção pouco diversificada. (MELO; MOREIRA; VELOSO, 2010)

Em 2018 o destino mais relevante das exportações piauiense foi a China, que importou cerca de U\$\$ 561,4 milhões do Piauí, o referente a 79,5% do total exportado pelo estado. A soja representa 98,5% da pauta exportadora do Piauí para a China, o que demonstra uma alta concentração em apenas um produto. O segundo produto mais exportado para o país foi a cera vegetal, que correspondeu a 1,3% do total exportado (FAPEPI, 2020).

No que se refere à intensidade tecnológica das trocas realizadas com a China, de acordo com Melo e Moreira (2009), a Região Nordeste tem se mostrado deficitária nos setores de média-alta tecnologia e superavitária nos setores de média-baixa e baixa intensidade tecnológica.

As exportações regionais para a China são constituídas essencialmente de bens produzidos sob condições de baixa e média baixa intensidades tecnológicas. Essas duas categorias corresponderam a cerca de 90% do total do valor exportado pela região para esse destino, em 2007, com maior crescimento da parcela do segmento de baixa intensidade entre 2002 e 2007. Sem dúvida, o resultado positivo da balança comercial da região, embora descendente, tem sido sustentado pelos setores enquadrados nessas categorias (MELO; MOREIRA; VELOSO, 2010, p.99).

“Os produtos básicos foram os maiores beneficiados com a alta de preços: em 2006, o índice de preços desses produtos subiu 9,4% e no ano seguinte, 14,5%” (MELO; MOREIRA, 2009, p.686).

Historicamente o setor de alimentos e bebidas teve bastante relevância para as exportações do Nordeste para a China, tendo seu ápice de 69,70% do total dessas exportações para esse país ainda na década de 1990. Após vários anos com representatividade pouco significativa (6,4% em 2003), em 2009 esse setor atingiu o percentual de 35,52% e posteriormente em 2011 representou 32,13% das exportações. Já o grupo de papel e celulose tem participação bastante significativa nas exportações da região Nordeste, segundo o autor

esse setor é o que mais apresenta vantagem comparativa em relação às demais regiões, com representatividade de 69,49% do total das exportações (em 2001) e 54,16% (em 2009) em 2011 representou quase metade das exportações. Enquanto os grupos de calçados, couros e têxtil, são setores de comportamento não uniforme na pauta regional ao longo dos anos, porém de um modo geral apresentam baixa participação nas exportações. Já o grupo de minerais em 2011 representou 12,65% das exportações. Esses dados demonstram que além de ter uma pauta exportadora com produtos em sua maioria de baixa e média-baixa intensidade tecnológica, ela é ainda bastante concentrada em poucos produtos (FEISTEL; HIDALGO, 2011).

Os principais estados que contribuem para a exportação da região para a China é o Maranhão e a Bahia, tendo como principais produtos exportados o minério de ferro, a pasta de madeira e a soja. Esses estados ganharam destaque com uma maior concentração de venda a partir do ano de 2007. As exportações da Bahia para a China passaram de 2% (em 2002) para 13% (em 2010).

A soma das exportações somente da Bahia e do Maranhão corresponderam a 96% do total das exportações nordestinas para a China no ano de 2007. Uma das causas é que esses dois estados são grandes produtores de *commodities* que convergiram com a demanda chinesa. Já em relação às importações, nesse mesmo ano, 93% das compras que a Região Nordeste realizou da China, estavam concentradas entre os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Paraíba (MELO; MOREIRA, 2009).

No ano de 2010 a Bahia participou com 65% do total das vendas externas do Nordeste, enquanto o Maranhão participou com 30%, exportando minérios de ferro aglomerados e não aglomerados, grãos de soja e ferro fundido. Juntos os dois estados exportaram 95% do total da pauta. Segundo a autora, a pauta exportadora do Nordeste de um modo geral tem registrado um movimento em direção à primarização, e a China pode ser citada como a grande responsável, por conta da sua crescente demanda por *commodities* ofertadas pela região (MELO, 2013).

De acordo com Duarte (2016), no estado da Bahia, ao longo da década de 2000, a China ultrapassou os Estados Unidos, ocupando o primeiro lugar no ranking das exportações e deixando esse em segundo lugar, a Argentina passou a ocupar o terceiro lugar. Em 2016 os principais produtos exportados especificamente para a China foram a celulose, catodos de cobre e soja em grão. O setor da pasta de madeira é o que o estado mais apresenta vantagem comparativa, através da sua especialização permanente.

Tabela 17: Principais destinos das exportações baianas 2005-2016

Países	Participação (%)			
	2005	2009	2013	2016
China	4,11	15,42	18,34	22,18
Estados unidos	18,31	14,17	10,84	13,75
Argentina	11,99	10,71	13,46	11,26
Países Baixos (Holanda)	4,09	8,49	14,19	7,00
Bélgica	2,20	3,22	2,32	3,98
Alemanha	3,05	5,25	4,12	4,14
Coreia do sul	0,60	2,88	1,57	2,77
Canadá	1,81	0,78	1,48	2,25
França	3,09	1,85	1,60	2,20
México	9,78	2,64	2,64	2,13
Índia	0,92	0,49	0,32	1,98
Japão	1,03	2,13	1,18	1,77
Chile	1,76	0,94	0,94	1,67
Itália	3,15	3,97	1,78	1,51
Colômbia	0,60	1,61	2,24	1,38
Espanha	2,18	2,07	1,87	1,40

Fonte: DUARTE, 2016.

Tabela 18: Principais segmentos das exportações baianas 2010-2016

Segmentos	Valor (US\$ 1000 FOB)						
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Químico/Petroquímico	1.748.595	1.792.015	1.788.467	1.562.786	1.775.564	1.249.255	1.153.366
Papel e celulose	1.674.800	1.802.770	1.678.618	1.686.912	1.596.480	1.374.848	1.148.776
Metalúrgicos	649.419	891.007	609.545	973.002	617.436	892.009	833.618
Soja e derivados	927.637	1.281.473	1.429.714	1.217.422	1.334.678	1.365.671	808.171
Automotivo	545.344	481.805	426.071	734.239	427.204	392.252	462.593
Petróleo e derivados	1.349.983	1.958.677	2.134.776	1.515.787	1.369.842	545.209	434.599
Metais preciosos	304.406	412.396	430.297	349.850	303.646	268.630	362.300
Cacau e derivados	296.245	284.571	209.649	155.723	207.817	268.676	289.402
Algodão e subprodutos	292.797	669.968	592.940	253.151	425.329	358.944	243.021
Borracha e suas obras	223.645	318.097	289.430	230.959	244.138	211.455	200.262
Minerais	35.226	166.965	124.343	48.536	96.929	150.745	127.579

Fonte: DUARTE, 2016.

O estado do Maranhão foi responsável por 7% das vendas de ferro fundido e 3% do setor de minérios, do Brasil para a China no ano de 2010. As exportações maranhenses para a China no ano de 2010 estavam 31 vezes maiores em comparação ao ano de 2002 nesse mesmo ano a China assumiu a primeira posição no ranking de compradores do estado maranhense, ultrapassando os EUA (MELO, 2013).

Já em relação às importações provenientes da China, os principais estados importadores da região são Bahia, Ceará e Pernambuco, tendo como principais produtos importados, máquinas, laminados de ferro e tecidos. Nota-se também uma grande entrada de calçados e confecções chinesas na Região Nordeste, o que pode se apresentar como uma ameaça a

produtividade desses setores na região, como por exemplo no estado do Ceará, Paraíba e Bahia, que tem indústrias dessas áreas presentes (MELO, 2013).

De acordo com Feistel e Hidalgo (2011), o setor de calçados e couros teve grande participação até o ano de 2003 com 58,26% do total das compras de produtos chineses pela região, caindo para 35,61% em 2009. Por sua vez, os produtos químicos têm cada vez mais ganhado participação nas compras regional. Esse setor representou 7,53% no ano de 2010. O grupo têxtil também apresentou aumento nas importações, passando de 2,87% (em 2003) para 10,61% (em 2009). Segundo o autor, um aumento das importações nos setores de têxteis, calçados e couro pode trazer preocupação, uma vez que indústrias nesses setores são abundantes na região, podendo competir diretamente com o produto regional.

As importações do estado da Bahia, provenientes da China são compostas por máquinas, aparelhos, materiais elétricos, reatores nucleares, caldeiras além de componentes para a fabricação de computadores como telas, unidades de disco, placas mães e placas de memória. O estado do Ceará importa da China produtos como: ferro fundido, aço, reatores nucleares, caldeiras e máquinas. Esses produtos em sua maioria são utilizados como insumos na indústria metal mecânica do estado. Já o estado da Paraíba costuma importar da China produtos como reatores nucleares, caldeiras, máquinas, tecidos de malha, filamentos sintéticos, tratores e calçados (MELO, 2013).

De janeiro a novembro de 2019, o Ceará importou dos chineses mais de U\$\$ 385,6 milhões. Já as exportações para esse país foram de apenas U\$\$ 47 milhões. O estado do Ceará importa principalmente materiais elétricos, com destaque para a placas solares, e na área de produtos químicos o glifosato, substância usada em defensivos agrícolas. As principais exportações são de peixes e crustáceos, seguido da cera de carnaúba, ferros e aço (Diário do Nordeste, 2019).

O comércio intra-industrial do Nordeste com a China é pouco, em sua maioria o comércio é caracterizado como inter-industrial, porque as exportações estão concentradas em produtos primários, e ainda com pouco crescimento dos produtos manufaturados, esses poucos produtos manufaturados se apresentam de forma esporádica, se destacando produtos químicos, plástico, borracha e têxtil (FEISTEL; HIDALGO, 2011).

Na tabela a seguir, nota-se que o setor da pasta de madeira é o que mais contribuiu para as exportações entre os anos de 2002 e 2007.

Tabela 19: Principais setores exportadores do Nordeste para a China 2002-2007

NCM	Setores	2002	2003	2004	2005	2006	2007
74	Cobre e suas Obras	0,0049	0,0600	0,0435	0,0148	0,0566	0,2337
26	Minérios, Escórias e Cinzas	0,0000	0,0167	0,1799	0,1873	0,1920	0,2083
12	Sementes e Frutos Oleaginosos, Grãos, Sementes etc.	0,1985	0,1169	0,0992	0,2758	0,2841	0,2069
47	Pastas de Madeira ou Matérias Fibrosas Celulósicas etc.	0,4472	0,3203	0,2784	0,2341	0,2611	0,1460
29	Produtos Químicos Orgânicos	0,0715	0,1130	0,1359	0,0535	0,0539	0,0886
41	Peles, Exceto a Peletería (Peles com Pêlo), e Couros	0,0380	0,0220	0,0458	0,0417	0,0432	0,0313
	Total	0,7600	0,6489	0,7827	0,8072	0,8908	0,9147

Fonte: MELO; MOREIRA, 2009.

O estado da Bahia é o que mais contribui com as exportações regionais. Em 2012 a Bahia bateu o recorde de exportação com U\$\$ 11,27 bilhões, correspondendo a 60% das exportações nordestinas (MOURA; BARBOSA, 2014).

Tabela 20: Exportações do Nordeste por estado 2011-2012

Estados	2011	2012	Var.%	Part.%
Bahia	11.016.299	11.267.769	2,28	60,01
Maranhão	3.047.103	3.024.688	-0,74	16,11
Pernambuco	1.198.969	1.319.976	10,09	7,03
Ceará	1.403.296	1.266.967	-9,71	6,75
Alagoas	1.371.547	1.014.421	-26,04	5,40
Rio Grande do Norte	281.181	261.224	-7,10	1,39
Paraíba	225.191	243.369	8,07	1,30
Piauí	164.346	225.729	37,35	1,20
Sergipe	122.399	149.073	21,79	0,79
Total	18.832.342	18.775.230	-0,30	100,00

Fonte: MOURA; BARBOSA, 2014.

As principais importações do Nordeste provenientes China entre 2002 e 2007 estão nos setores 84 e 85, conforme a tabela a seguir:

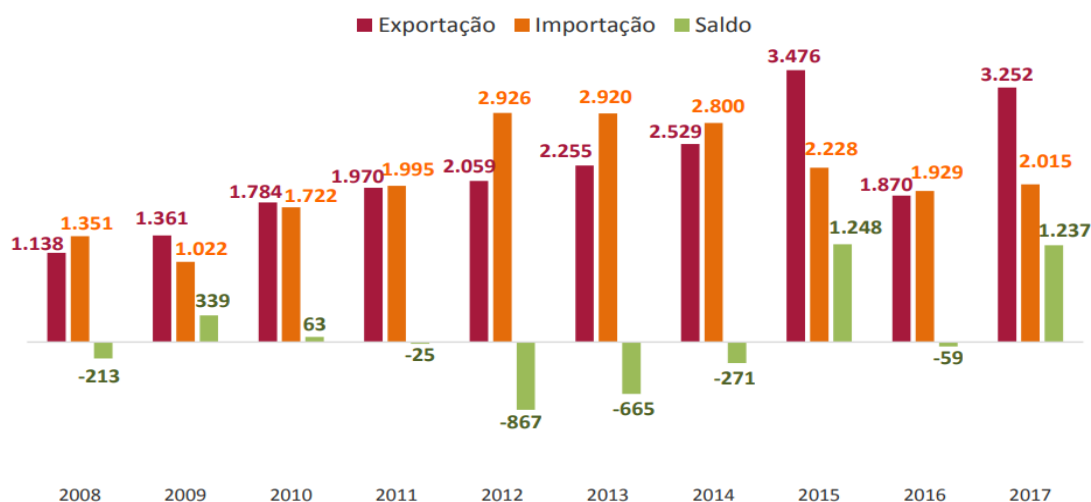
Tabela 21: Principais setores que o Nordeste importou da China 2002-2007

NCM	Setores	2002	2003	2004	2005	2006	2007
85	Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos, suas Partes etc	0,1508	0,1735	0,3938	0,3230	0,3060	0,2958
84	Reatores Nucleares, Caldeiras, Máquinas etc., Mecânicos	0,1199	0,1514	0,0974	0,2162	0,2416	0,2082
72	Ferro Fundido, Ferro e Aço	0,0001	0,0000	0,0010	0,0003	0,0176	0,0545
64	Calçados, Polainas e Artefatos Semelhantes, e suas Partes	0,0126	0,0010	0,0060	0,0103	0,0305	0,0384
29	Produtos Químicos Orgânicos	0,1709	0,1843	0,1015	0,0728	0,0403	0,0359
55	Fibras Sintéticas ou Artificiais, Descontínuas	0,0072	0,0036	0,0031	0,0089	0,0218	0,0338
40	Borracha e suas Obras	0,0032	0,0035	0,0063	0,0171	0,0346	0,0291
60	Tecidos de Malha	0,0035	0,0010	0,0000	0,0095	0,0138	0,0287
87	Veículos Automóveis, Tratores etc. suas Partes/ Acessórios	0,0352	0,0319	0,0261	0,0249	0,0259	0,0274
28	Produtos Químicos Inorgânicos etc.	0,1130	0,0982	0,0746	0,0653	0,0415	0,0269
31	Adubos ou Fertilizantes	0,0004	0,0011	0,0003	0,0003	0,0000	0,0242
54	Filamentos Sintéticos ou Artificiais	0,0636	0,1067	0,0637	0,0621	0,0311	0,0238
90	Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia etc.	0,0343	0,0246	0,0172	0,0231	0,0346	0,0165
42	Obras de Couro, Artigos de Correeiro ou de Seleiro etc.	0,0175	0,0018	0,0024	0,0058	0,0091	0,0139
27	Combustíveis Minerais, Óleos Minerais etc. Ceras Minerais	0,1241	0,1191	0,0877	0,0532	0,0153	0,0136
62	Vestuário e Seus Acessórios, Exceto de Malha	0,0055	0,0014	0,0022	0,0094	0,0077	0,0135
73	Obras de Ferro Fundido, Ferro ou Aço	0,0179	0,0112	0,0087	0,0179	0,0307	0,0124
95	Brinquedos, Jogos, Artigos p/ Divertimento, Esportes etc.	0,0129	0,0073	0,0083	0,0087	0,0143	0,0122
	Total	0,8926	0,9215	0,9002	0,9287	0,9165	0,9089

Fonte: MELO; MOREIRA, 2009.

O gráfico a seguir demonstra o saldo do intercâmbio comercial entre o Nordeste e a China. Esse foi o maior saldo positivo entre os demais parceiros no período analisado, atingindo US\$ 1.237 milhões em 2017. (FREIRE; BARROSO, 2018)

Gráfico 5: Exportação, importação e saldo da corrente comercial do Nordeste com a China de 2008 a 2017 (em US\$ bilhões FOB)



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE (FREIRE; BARROSO, 2018)

A partir dessas informações podemos constatar que a corrente comercial do Nordeste com a China teve um efeito positivo para a região, que passou a exportar mais, e melhorou seu saldo na balança comercial, conseqüente do aumento da demanda chinesa por *commodities* no mercado mundial. O país asiático vem cada vez mais ganhando participação tanto nas exportações como nas importações da Região Nordeste. No entanto fica evidente que as trocas ainda são desiguais, sendo em sua maioria inter-industrial, por conta da diferença tecnológica empregada nos bens comercializados entre as duas regiões. O Nordeste ainda exporta em sua maioria bens de baixa e média-baixa intensidade tecnológica e importa bens de média-alta a alta intensidade tecnológica da China.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comércio exterior da Região Nordeste ganhou impulso a partir do início dos anos 2000, nesse mesmo período a China se configurou como um dos principais parceiros comerciais do Brasil, posteriormente ocupando a primeira posição de comprador. Para a Região Nordeste os efeitos desse aumento da demanda chinesa também puderam ser sentidos, onde o país asiático vem cada vez mais ganhando participação nas trocas regionais. No entanto a China ainda concorre pelo primeiro lugar com os Estados Unidos, que continua sendo o principal comprador regional.

Ao avaliar as pautas estaduais, podemos constatar que cada estado tem suas especificidades em relação à pauta exportadora e importadora, com diferentes destinos e origens dos bens comercializados. No ano de 2020 os produtos de destaque nas exportações por estado foram: Alagoas, a venda de açúcar e álcool; Bahia, a venda de Soja, celulose e combustíveis; Ceará, a venda de lingotes de ferros, calçados e frutas; Maranhão, o Alumínio, soja e celulose; Paraíba, os calçados e álcoois; Pernambuco, os combustíveis, frutas e açúcar; Piauí, a Soja; Rio Grande do Norte, as frutas e combustíveis e Sergipe, o suco de frutas.

A Bahia e Maranhão são os que apresentam maior atividade nas trocas regionais, juntos correspondem por mais da metade das exportações regionais. Ao somar esses dois estados com Pernambuco e Ceará, temos os principais importadores da Região.

O estado da Bahia tem importado da China um grande número de máquinas, que de acordo com Melo e Moreira (2009) é um reflexo dos fortes investimentos que o estado recebeu para a ampliação e modernização da sua estrutura industrial.

As relações entre a China e a América Latina cresceram 20 vezes entre 2000 e 2019, 70% das importações chinesas são originárias da América Latina. 50% são proveniente do Brasil, que é o principal fornecedor de ferro, cobre, soja e carne. (Folha de Pernambuco, 2020)

A expansão do comércio exterior da Região Nordeste foi favorecido pelo crescimento econômico chinês, que por consequência aumentou sua demanda por produtos básicos, os quais são produzidos pela região, no entanto esse país ainda não atingiu a primeira posição em termos de comprador do Nordeste, porque alguns estados ainda exportam mais para os Estados Unidos.

Os Estados Unidos seguem liderando as compras regionais, devido a liderança nas exportações de estados como Alagoas, Ceará, Paraíba, e Rio Grande do Norte. Além desses ele está à frente da China também em Pernambuco e Sergipe. A China alcançou o primeiro lugar nas exportações da Bahia, Maranhão e Piauí.

Apesar do crescimento do comércio exterior da região, em especial com a China, as trocas ainda são desiguais, dessa forma o comércio entre as duas regiões é em sua maioria interindustrial, onde a região exporta mais *commodities* e importa em maioria bens manufaturados com maior valor tecnológico agregado, consequência da baixa presença de insumos tecnológicos na região, o que é fundamentado pelo Teorema de Heckscher-Ohlin.

Percebe-se também que há uma grande concentração na pauta exportadora regional, o que pode se caracterizar como algo negativo, pois a região fica restrita a poucos produtos podendo ficar mais vulnerável aos choques de demanda externa. Já sua pauta importadora apresenta maior diversidade.

“Quanto mais concentradas as exportações em poucos produtos e em poucos países, mais a economia estará sujeita às flutuações de demanda, o que implicará mudanças bruscas na receita das exportações” (SILVA; MONTALVÁN, 2008, p.553).

De um modo geral, a Região Nordeste possui um grande potencial para expandir ainda mais o seu comércio exterior, possuindo uma posição geográfica estratégica, a região ainda necessita melhorar sua infraestrutura e incentivar a cultura exportadora.

De acordo com o Cientista político Rodrigo Han, em entrevista à Fecomércio SE, o estado de Sergipe possui uma grande capacidade de expansão industrial, com a existência de mercados em todos os continentes com poder de absorção dos produtos sergipanos. Segundo ele, O baixo nível de industrialização do estado é o que leva ao pouco aproveitamento das oportunidades no comércio exterior.

Alguns estados da região possuem portos pouco dinâmicos como é o caso do estado de Sergipe, o que faz com que seja necessário procurar portos em estados vizinhos, para exportar o produto. Além disso os estados sofrem também com a desativação das linhas ferroviárias. Todo esse processo encarece os custos de logística e consequente o preço do produto final no comercio mundial, deixando-o menos competitivo.

De acordo com Junior (2007), o setor marítimo é muito importante para o desenvolvimento de uma economia, pois é através dele que pode se dar o fluxo de mercadorias através de um baixo custo. As exportações via marítima representaram 96% do total das vendas do Brasil em 2015.

Para superar esses desafios, a Região Nordeste precisa de investimentos e políticas de estímulo, para que o comércio possa se expandir cada vez mais. Podemos ver mobilizações em pró desse objetivo em vários estados da Região, através de encontros, fóruns e ações governamentais.

De acordo com Ximenes (2019), o Banco do Nordeste investiu em 2018 no setor primário (agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura) mais de R\$ 7 bilhões. Além disso houve também investimentos em infraestrutura no valor de R\$ 16,47 bilhões.

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) lançou um programa de qualificação para a exportação, com o objetivo de lançar no mercado internacional os produtos locais do estado do Piauí (FAPEPI, 2020).

O estado do Ceará sediou o VI Fórum China-América Latina de Inovação e Tecnologia. Ter a China participando de feiras regionais é importante para estreitar as relações comerciais. Empresários cearenses da área de alimentos também participaram de uma feira nesse mesmo ano em Macau. O estado já conta com empresas desse segmento, aptas a exportar (DIÁRIO DO NORDESTE, 2019).

O programa de qualificação para exportação, promovido pela Apex Brasil reuniu empresários do estado de Sergipe de diversos segmentos. Busca-se inverter a balança comercial do estado, que é mais importadora que exportadora, através da inserção das empresas do estado no mercado internacional, de forma planejada e segura. A ação foi realizada através de uma parceria com a Universidade Tiradentes, que busca desenvolver o projeto que tem como objetivo auxiliar a inserção das empresas no mercado internacional, de forma planejada e segura. (Sergipe Notícias, 2020).

O fórum Nordeste Export é uma ferramenta fundamental para promover o comércio exterior da região. Ele reúne empresários, líderes do setor de logística e autoridades governamentais, com o intuito de discutir ações que estimulem a cultura exportadora regional e possibilitem a redução dos custos e das burocracias relacionadas à exportação. Segundo o Diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil, Aluísio de Souza Sobreira, priorizar o comércio exterior e incentivar as exportações seria o melhor caminho para sair da crise, pois além de gerar desenvolvimento, aumentaria o número de empregos e melhoraria a distribuição de renda. (Diário de Pernambuco, 2020)

De acordo com Sobreira, “os maiores desafios são estimular a cultura exportadora na região, reduzir o ‘custo Brasil’ com menos burocracia e incentivar a captação de recursos privados, nacionais e estrangeiros para investimentos de infraestrutura” (Diário de Pernambuco, 2020).

A Região Nordeste pode sofrer com uma possível redução da demanda chinesa, consequência da desaceleração do crescimento econômico chinês, que apresentou taxa menor que nos anos anteriores de 6,1%. Além disso no atual contexto de pandemia, como o resto do

mundo, a região enfrenta uma queda nas transações comerciais, nesse momento necessita-se ainda mais de estímulos para que o comércio exterior possa se reestruturar. De acordo com o Diário do Nordeste (2020), em relação ao ano de 2019, o estado do Ceará já registrou queda de 29% das exportações e de 20% das importações, como um reflexo da diminuição das atividades comerciais, decorrentes da pandemia.

Apesar de haver uma crise diplomática por parte do governo Bolsonaro com a China e uma tentativa de desestimular investimentos, produtos e empresas chinesas, os governadores da região se reuniram através do Consórcio Nordeste, solicitando através da embaixada chinesa, apoio no envio de materiais médicos, insumos e equipamentos como respiradores dentre outros utilizados nos leitos de UTI. A Região Nordeste caminha em lado oposto ao que é pregado pela ideologia do atual governo federal (CARVALHO, 2020).

Nos últimos anos a China e os EUA têm travado uma guerra comercial, no entanto, de acordo com Rodrigues (2019), os estados Nordestinos ignoraram as pressões do governo norte americano e adquiriram tecnologia chinesa. Empresas que foram banidas pelo governo norte americano, aumentaram seus laços com os estados do Nordeste. Quatro governadores, dois vices governadores e diversos secretários da região visitaram o país asiático, dentre eles o governador da Bahia Rui Costa. Da mesma forma os chineses também enviaram suas comitivas para estados do Nordeste.

A Parceria econômica e tecnológica entre a China e o Consórcio Nordeste ocorre em meio a essa guerra comercial entre EUA e China, ao passo que o campo de batalha tem se estendido para o Brasil. Em contraste com a política do governo Bolsonaro de alinhamento aos interesses dos Estados Unidos, a parceria entre Nordeste e China parece cada vez mais ganhar força (FONTENELE, 2019).

Como resultado dessa troca comercial, está a compra realizada pelo Nordeste de sistemas de monitoramento para segurança pública provenientes da China, como o sistema de reconhecimento facial, usado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, fabricado pela Huawei. A empresa Dahua fabrica câmeras de reconhecimento facial, e já fornece equipamentos para os governos de Pernambuco e Bahia (RODRIGUES, 2019).

De acordo com Fontenele (2019), todos os governantes da Região Nordeste são ligados à partidos de esquerda, porém independente de uma motivação ideológica, os governadores do Nordeste buscam a China, por ser o país que mais oferece possibilidade de investimentos infra estruturais para o desenvolvimento da região. Empresas chinesas como a ZTE, Huawei, Dahua

e Hikvision negociam serviços e produtos no Nordeste, possibilitando a geração de emprego e renda para a população local.

O Consórcio busca reduzir custos entre os estados nordestinos, além de buscar parcerias internacionais para gerar emprego e desenvolvimento para a região. O consórcio vai na contramão do que tem feito o governo Bolsonaro em relação à diplomacia nas relações internacionais com a China, não se deixando levar pelas ideologias (DRUMMOND, 2019).

Com o encaminhamento para um término da guerra comercial, China e EUA assinaram um acordo que busca estimular as trocas comerciais entre si. A exigência é que a China compre U\$ 40 bilhões em produtos agrícolas americanos, nos próximos dois anos. De acordo com a Fitch Ratings (agência de classificação de risco de crédito), a previsão é que o Brasil continue sendo um grande exportador de grão para a China (Folha de Pernambuco, 2020).

No entanto é provável que essa demanda diminua para o Brasil e consequentemente para a região Nordeste, uma vez que o país asiático ao cumprir o acordo passará a demandar mais dos EUA que também é uma grande exportadora de *commodities* como a soja, resultando assim em uma redução nas exportações nordestinas para a China.

Isso mostra o porquê uma pauta exportadora concentrada em poucos produtos e poucos parceiros comerciais pode ser desvantajoso para a região, onde a mesma tende a ficar mais vulnerável aos choques de demanda externa, podendo refletir bruscamente em sua balança comercial. Com isso faz-se necessário que a região invista cada vez mais na expansão do seu comércio exterior, não apenas em variedade de produtos mais também de parceiros comerciais, para reduzir os riscos de demanda para o Nordeste.

Dessa forma é importante a formulação de políticas que facilitem a atividade de exportação na região, como a redução da carga tributária que ainda incide sobre exportações e concessão de certos subsídios que reduzam os custos de produção; a disponibilização de financiamentos de longo prazo para exportações; melhoria da infraestrutura de portos e estradas de forma a reduzir os custos com logística, além da redução das burocracias alfandegárias e aduaneiras que desestimulam os empresários a exportar. Tudo isso é necessário para tornar os produtos regionais cada vez mais competitivo no mercado internacional, atraindo cada vez mais compradores e expandindo o comércio regional, beneficiando a economia e os moradores locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bahia foi responsável por quase 50% das exportações do Nordeste em 2019.

Bahia.ba.gov.br. 2020. Disponível em: <http://www.bahia.ba.gov.br/noticias/bahia-foi-responsavel-por-quase-50-das-exportacoes-do-nordeste-em-2019>. Acesso em: 30 jun. 2020.

BONFANTI, Cristiane. Centro-Oeste, Norte e Nordeste lideram na exportação de produtos do agronegócio.

Agência de notícias CNI, 2018. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/internacional/centro-oeste-norte-e-nordeste-lideram-na-exportacao-de-produtos-do-agronegocio/>. Acesso em: 09 fev. 2020.

BRAGA, Francisco L. P.; MELO, Maria C. P. de.; HOLANDA, Diego R. **Região Nordeste do Brasil e integração comercial com o Mercosul: parceria sustentada?** Revista de Economia, v.41, n.3, p. 103-126, set.-dez., 2015.

BRAINER, Maria, S. de C. P. **Comércio exterior do agronegócio do Nordeste: Cacau e seus produtos.** Caderno setorial ETENE, ano 4, n. 83, jun. 2019.

Brasil continuará importante exportador para a China, afirma Fitch.

Folha de Pernambuco. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/economia/brasil-continuara-importante-exportador-para-a-china-afirma-fitch/129992/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Brasil e China, boa relação.

Diário do Nordeste. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniaooold/brasil-e-china-boa-relacao-1.2164749>. Acesso em: 01 jul. 2020.

BUENO, Sinara. Exportações de Sergipe.

Fazcomex. 2020. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacoes-de-sergipe/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CAIADO, Arnott R. A importância da qualificação da mão de obra no comércio

internacional dos estados da região nordeste do Brasil. Dissertação de mestrado, Recife, 2006. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/4521>. Acesso em 23/02/2020.

CARVALHO, Gabriela. Governadores do Nordeste pedem ajuda à China para combater

coronavírus. JC. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/03/5603088-governadores-do-nordeste-pedem-ajuda-a-china-para-combater-coronavirus.html>. Acesso em 01 jul. 2020.

Comércio exterior despenca 40% no Ceará em abril.

Diário do Nordeste. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/comercio-exterior-despenca-40-no-ceara-em-abril-1.2248174>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Comércio exterior é foco de reunião entre empresários sergipanos.

Sergipe Notícias. 2020. Disponível em: <http://sergipenoticias.com/economia/2020/02/14709/comercio-exterior-e-foco-de-reuniao-entre-empresarios-sergip.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

DIÁRIO DO NORDESTE. Participação da China em feiras cearenses é importante para estreitar relações comerciais.

2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/participacao-da-china-em-feiras-cearenses-e-importante-para-estreitar-relacoes-comerciais-1.2186559>. Acesso em: 01 jul. 2020.

DRUMMOND, Carlos. **Nordeste beneficia-se da guerra comercial entre EUA e China.** Carta Capital. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/nordeste-beneficia-se-da-guerra-comercial-entre-eua-e-china/>. Acesso em 30 jun. 2020.

DUARTE, Leandro Batista. **Especialização e competitividade do comércio exterior da Bahia (2005-2016).** Revista debate econômico, v.4, n.2, p. 53-69, jul.-dez., 2016.

Economia da China cresce no menor ritmo em 3 décadas: como isso pode afetar o Brasil? BBC News. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50098588>. Acesso em: 02 jul. 2020.

Economista destaca potencial de crescimento do comércio exterior sergipano. Fecomércio SE. Disponível em: <http://www.fecomercio-se.com.br/destaques/economista-destaca-potencial-de-crescimento-do-comercio-exterior-sergipano>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Encontro discute perspectivas e inovações para o mercado internacional. UNIT. 2019. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/encontro-discute-perspectivas-e-inovacoes-para-o-mercado-internacional/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

EV, Leonardo da S.; GOMES, Aline B. P. **Entre a especificidade e a teorização: A metodologia do estudo de caso.** Teoria e Sociedade. n. 22.2, p. 75-103, jul.-dez. 2014.

FARIAS, Joedson J. de; HIDALGO, Álvaro B. **Comércio interestadual e comércio internacional das regiões brasileiras: uma análise utilizando o modelo gravitacional.** Revista Econômica do Nordeste, v. 43, n. 02, p. 251-265, abr.- jun. 2012.

FEISTEL, Paulo R.; HIDALGO, Álvaro B. **O intercâmbio comercial Nordeste-China: desempenho e perspectivas.** Revista Econômica do Nordeste. v.42, n.4, p. 761-777, out-dez., 2011.

FEISTEL, Paulo R.; HIDALGO, Álvaro B. **O intercâmbio comercial Nordeste-China: Desempenho e perspectivas.** Revista Econômica do Nordeste, v. 42, n. 04, p. 761-777, out.-dez. 2011.

FEISTEL, Paulo R.; HIDALGO, Álvaro Barrantes. **A competitividade das regiões brasileiras no intercâmbio comercial com a China.** 2011. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/160445/223813/sim3_mesa2_a_competitividade_regioes_brasileiras_intercambio_comercial_china.pdf/c8e63d21-55d0-44fe-a524-846db58b8f76. Acesso em: 29 jun. 2020.

FERNANDES, Marcelo P.; LEITE, Alexandre C. C. **Crescimento econômico e estabilidade política na China: correlação e complementaridade.** Associação brasileira de ciência política. 2017. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/02/crescimento-economico-e-estabilidade-politica-china.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

FERREIRA, Francisco Danilo da S.; MEDEIROS, Elvira Helena O. de. **Teoria da Base de Exportação: uma avaliação da base de exportação da região sul do Brasil.** Revista de Economia. Anápolis - GO, vol. 12, nº 02, p.327-251, jul.- dez., 2016.

FONTENELE, Ana Maria; MELO, Maria C. P. de. **Comércio exterior e dilemas de política pública na economia do Nordeste: um tema persistente na REN.** Revista econômica do Nordeste, v.40, n. 04, p. 797-819, out.-dez. 2009.

FONTENELE, Sérgio. **O estreitamento das relações entre Nordeste e China.** Pensar Piauí. 2019. Disponível em: <https://pensarpiaui.com/blog/o-estreitamento-das-relacoes-entre-nordeste-e-china.html>. Acesso em: 01 jul. 2020.

FREIRE, Laura L. R.; BARROSO, Liliane C. **Evolução e perfil da balança comercial do Nordeste.** Informe ETENE, ano 3, n. 4, dez. 2018.

GALVÃO, Olímpio J. de A. **45 anos de comércio exterior no Nordeste do Brasil: 1960-2004.** Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, v.38, n.1, jan. - mar., 2007.

GALVÃO, Olímpio J. de Arroxelas. **45 anos de comércio exterior no Nordeste do Brasil: 1960-2004.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.38, n.1, p. 7-31, jan.-mar., 2007.

GALVÃO, Olímpio José de A. **45 anos de comércio exterior no nordeste do Brasil: 1960-2004.** Revista Econômica do Nordeste – Fortaleza, v.38, n. 1, jan.-mar., 2007.

HIDALGO, Álvaro B.; FEISTEL, Paulo R. **O intercâmbio comercial Nordeste-Mercosul: a questão das vantagens comparativas.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 38, n. 1, jan.- mar. 2007.

HIDALGO, Alvaro B.; MATA, Daniel F. P. G. da. **Competitividade e vantagens comparativas do Nordeste Brasileiro e do estado de Pernambuco no comércio internacional.** 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Alvaro_Hidalgo2/publication/255618828_Competitividade_e_Vantagens_Comparativas_do_Nordeste_Brasileiro_e_do_Estado_de_Pernambuco_no_Comercio_Internacional/links/5575ca3e08aeb6d8c01ae4d9/Competitividade-e-Vantagens-Comparativas-do-Nordeste-Brasileiro-e-do-Estado-de-Pernambuco-no-Comercio-Internacional.pdf. Acesso em 09 fev. 2020.

HIDALGO, Álvaro B.; MATA, Daniel F. P. G. da. **Competitividade e vantagens comparativas do Nordeste brasileiro e do estado de Pernambuco no comércio internacional.** Recife. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255618828_Competitividade_e_Vantagens_Comparativas_do_Nordeste_Brasileiro_e_do_Estado_de_Pernambuco_no_Comercio_Internacional. Acesso em: 26 jun. 2020.

HIDALGO, Alvaro B.; MATA, Daniel F. P. G. da. **Inserção das regiões brasileiras no comércio internacional: os casos da Região Nordeste e do estado de Pernambuco.** Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 965-1018, nov. 2005.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais.** Zahar: Rio de Janeiro. 2007.

JESUS, Roberto G. B. de.; CALDAS, Silvio H. S.; COIMBRA, Vinícius N. **Maranhão: PIB, investimento público e comércio exterior (2011-2018).** 2019. Disponível em: http://www.eme.ufma.br/wp-content/uploads/2019/09/eme_maranhao_pib_investimento.pdf. Acesso em: 28 jun. 2020.

JUNIOR, Nelson F. F. **O setor portuário sergipano e sua dinâmica recente: transporte de cargas e gargalos infraestruturais.** Sociedade e território, Natal v.29, n.2, p.30-48, jul.-dez., 2017.

LIMA, Elaine C. de. et al. **Teoria da Base de exportação e sua relação com o desempenho econômico: o caso do estado de Santa Catarina.** Textos de economia: Florianópolis. v.16, n.1, p. 95-116, jan.-jun. 2013.

LIMA, João P. Rodrigues. **Traços gerais do desenvolvimento recente da economia do Nordeste.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.36, n.1, p.20-42, jan.-mar., 2005.

MARTINS, Carlos R. **Produção e comercialização de coco no Brasil frente ao comércio internacional: panorama 2014.** Aracaju: Embrapa Tabuleiros costeiros, 2013. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Martins14/publication/304181837_Producao_e_Comercializacao_de_Coco_no_Brasil_Frente_ao_Comercio_Internacional_Panorama_2014/links/576929ad08aee322c2e54109.pdf. Acesso em: 09 fev. 2020.

MEDEIROS, Carlos A. de. **Notas sobre o desenvolvimento econômico recente na China.** IEA USP. 2012. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/medeiroschina.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

MELO, Maria C. P. de. **Comércio exterior da região Nordeste na esteira do “Efeito China”.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.44, n.2, p. 453-474, abr.-jun., 2013.

MELO, Maria C. P. de. **Comércio exterior da região Nordeste na esteira do “efeito China”.** Rev. Econ. NE, Fortaleza, v.44, n. 2, p. 453-474, abr.-jun. 2013.

MELO, Maria C. P. de. **Inserção internacional da região Nordeste e a dinâmica do comércio exterior brasileiro nos anos recentes.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.38, n.4, p.583-601, out.-dez., 2007.

MELO, Maria C. P. de. **Intensidade tecnológica e comércio externo da região Nordeste: uma qualificação das pautas estaduais no período recente.** 2007. Disponível em: http://www.ric.ufc.br/biblioteca/cristinamelo_a.pdf. Acesso em: 27 jun. 2020.

MELO, Maria C. P. de.; MOREIRA, Carlos A. L. **China x Nordeste do Brasil: uma qualificação das transações comerciais bilaterais recentes.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.40, n.4, p.685-698, out.-dez., 2009.

MELO, Maria C. P. de.; MOREIRA, Carlos A. L.; VELOSO, Alexandre W. A. **Comércio bilateral Brasil-China e o rebatimento no desempenho das transações externas da região Nordeste.** Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, v.38, n.1, p. 93-102, 2010.

MELO, Maria Cristina Pereira de. **Intensidade tecnológica e comércio externo da Região Nordeste: uma qualificação das pautas estaduais no período recente.** X seminário sobre modernização tecnológica periférica, Recife, Fundaj, 2007. Disponível em: http://www.ric.ufc.br/biblioteca/cristinamelo_a.pdf. Acesso em: 23 fev. 2020.

MENDE, Luciano. **Região Nordeste do Brasil**. Enciclopédia Global. 2011. Disponível em: <http://www.megatimes.com.br/2011/12/regiao-nordeste-do-brasil.html>. Acesso em 15 janeiro 2021.

MOREIRA, UALLACE. **Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa**. Revista de Economia Política, v. 32, n. 2 (127), p. 213-228, abr.- jun., 2012.

MOURA, Ticiania G. Z.; BARBOSA, Lorena A. L. **A evolução do comércio exterior baiano e possíveis compatibilidades com as realidades nordestina e baiana**. RICRI, v.1, n.2, p.33-54. 2014

NAKATANI, Paulo et al. **A expansão internacional da China através da compra de terras no Brasil e no mundo**. Revistas eletrônicas PUC RS, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/download/15489/11754>. Acesso em: 25 jun. 2020.

NONNENBERG, Marcelo J. B. **China: estabilidade e crescimento econômico**. Rev. Econ. Polit. São Paulo, v.30, n.2, p. 201-218, abr.- jun., 2010.

PEREIRA, Maria R. da S.; CORONEL, Daniel A. **O desempenho da indústria maranhense nos anos 2000: uma abordagem a partir da intensidade tecnológica de seu comércio exterior**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.46, n.2, p. 25-37, abr.-jun., 2015.

Relatório da APEX-Brasil detalha cenário de exportações no Piauí. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. 2020. Disponível em: <http://www.fapepi.pi.gov.br/materia/noticias/relatorio-da-apex-brasil-detalha-cenario-de-exportacoes-no-piaui-255.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

RODRIGUES, Juliana. **Nordeste esquece Bolsonaro e estreita relações com empresas chinesas**. Metro 1. 2019. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/brasil/79265,nordeste-esquece-bolsonaro-e-estreita-relacoes-com-empresas-chinas>. Acesso em 01 jul. 2020.

SAMPAIO, Thiago. **Negócio da China: Consórcio Nordeste fica no centro de conflito comercial entre EUA e China**. É assim. 2019. Disponível em: <https://eassim.net/negocio-da-china-consorcio-nordeste-fica-no-centro-de-conflito-comercial-entre-eua-e-china/>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SANTOS, Patrick L.; CAVALCANTE, Antonio W. P.; FILHO, Luís A. da S. **A competitividade do cacau baiano frente ao comércio internacional**. Revista Economia & Tecnologia, v.9, n.4, p.101-112, out.-dez., 2013.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de relações internacionais**. Saraiva: São Paulo. 2005.

Sergipe obteve crescimento de 8,5% nas exportações no primeiro bimestre. G1. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2017/03/sergipe-obteve-crescimento-de-85-nas-exportacoes-no-primeiro-bimestre.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SILVA, Jorge L. M. da.; MONTALVÁN, Daniel B. V. **Exportações do Rio Grande do Norte: estrutura, vantagens comparativas e comércio intra-industrial**. RER, Piracicaba SP, v.46, n.2, p. 547-568, abr.-jun., 2008.

SILVA, Orlando M. da; ALMEIDA, Fernanda M. de; OLIVEIRA, Bethania M. de. **Comércio internacional “x” intranacional no Brasil: medindo o efeito-fronteira**. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, set.-dez. 2007.

SIQUEIRA, Tagore V. de. **Comércio internacional: Oportunidades para o desenvolvimento regional**. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v.13, n.25, p. 115-154, jun., 2006.

Soluções para fomentar o setor logístico portuário do Nordeste. Diário de Pernambuco. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2020/02/solucoes-para-fomentar-o-setor-logistico-portuario-do-nordeste.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SULEIMAN, Amanda B. **O salto econômico da China: crescimento e mudança**. FAAP. 2008. Disponível em: http://www.faap.br/pdf/faculdades/economia/monografia/ciencias-economicas/2008/amanda_battaglini.pdf. Acesso em 02 jul. 2020.

Valores das exportações do RN crescem 41,8% em 2019. Tribuna do Norte. 2020. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/valores-da-exportaa-a-es-do-rn-crescem-41-8-em-2019/470158>. Acesso em 30 jun. 2020.

VIANA, Fernando. L. E.; ROCHA, Roberto E. V.; NUNES, Fernando R. de M. **A indústria têxtil na Região Nordeste: Gargalos, potencialidades e desafios**. ISSN 1676-1901, v. 8, n. 3, 2008.

XAVIER, Clésio L.; VIANA, Francisca D. F. **Inserção externa e competitividade dos estados da região Nordeste do Brasil no período 1995-2004**. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.36, n.3, p. 456-469, jul.-set., 2005.

XIMENES, Luciano. **Comércio exterior do agronegócio no Nordeste**. Caderno setorial ETENE. Ano 4, n.70, 13 p. mar. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.